



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

Denise Maria Zaratini Fernandes

***“A percepção de professores de educação infantil sobre a atuação
fonoaudiológica na escola”***

CAMPINAS

2016

Denise Maria Zaratini Fernandes

***“A percepção de professores de educação infantil sobre a atuação
fonoaudiológica na escola”***

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos
exigidos para a obtenção do título de mestra em Saúde,
Interdisciplinaridade e Reabilitação, área de concentração
Interdisciplinaridade e Reabilitação.

ORIENTADORA: Ivani Rodrigues Silva

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO/TESE DEFENDIDA PELA
ALUNA DENISE MARIA ZARATINI FERNANDES, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. IVANI RODRIGUES SILVA.

CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de
Campinas

Biblioteca da Faculdade de Ciências
Médicas Ana Paula de Moraes e Oliveira -
CRB 8/8985

Fernandes, Denise Maria Zaratini, 1986-

F391p A percepção de professores de educação infantil sobre a atuação
fonoaudiológica na escola / Denise Maria Zaratini Fernandes. – Campinas, SP
: [s.n.], 2016.

Orientador: Ivani Rodrigues Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Percepção. 2. Educação infantil. 3. Fonoaudiologia. I. Silva,
Ivani Rodrigues, 1955-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The perception of teachers from infant education in
the performance of the speech therapist in school

Palavras-chave em inglês:

Perception

Child

rearing

Speech, Language and hearing sciences

Área de concentração: Interdisciplinaridade e Reabilitação

Titulação: Mestra em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Banca examinadora:

Ivani Rodrigues Silva

[Orientador] Maria Inês

Bacellar Monteiro

Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima

Data de defesa: 15-02-2016

Programa de Pós-Graduação: Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

DENISE MARIA ZARATINI FERNANDES

ORIENTADOR(A) PROF(A). DR(A). Ivani Rodrigues Silva

MEMBROS:

- 1. PROF(A). DR(A). IVANI RODRIGUES SILVA**
- 2. PROF(A). DR(A). MARIA CECILIA MARCONI PINHEIRO LIMA**
- 3. PROF(A). DR(A). MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO**

Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da banca examinadora encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Data: 15 de Fevereiro de 2016

AGRADECIMENTO

À Deus por toda a força, proteção e direcionamento para a realização deste trabalho.

Aos meus pais Roseli e Guilherme por serem meus mestres da vida e por me motivarem e impulsionarem ao melhor, obrigada por toda paciência e amor em todas as etapas deste trabalho.

À Prof.^a Dra. Ivani Rodrigues Silva que dividiu comigo as inquietações a respeito do universo da fonoaudiologia escolar e me orientou com tanto carinho ao longo deste percurso.

À Prof.^a Dra. Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima e a Prof.^a Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro pelas contribuições inestimáveis ao trabalho.

À todos os meus professores que contribuíram para meu crescimento acadêmico e profissional.

À direção do Instituto Prof.^a Maria do Carmo de Arruda Toledo – Dona Carminha, por possibilitar a coleta de dados para a realização desta pesquisa, em especial à Patrícia Bignardi Torres por me apoiar neste trabalho, sendo sempre compreensível e disposta a me auxiliar.

Às professoras participantes desta pesquisa que contribuíram com suas percepções para a realização deste trabalho e de modo geral, com a fonoaudiologia escolar.

Às fonoaudiólogas, amigas e companheiras de trabalho: Jacqueline e Maria Helena por todo apoio, incentivo e troca de saberes ao longo de todo esse processo.

Aos amigos do mestrado que foram verdadeiros presentes ao longo destes dois anos, em especial: Ana Livia, Camila, Danielle e Joyce.

À todos que direta ou indiretamente contribuíram e me apoiaram nesta caminhada, o meu humilde e sincero muito obrigada!

RESUMO

A fonoaudiologia nasceu junto à educação em uma interface reabilitadora, na qual deveria corrigir os desvios da língua, no entanto, em sua trajetória afastou-se da escola e concentrou sua atuação em consultórios e clínicas particulares. Por ser uma profissão que possui um grande leque de atuações e por estar inserida em diversos espaços ocupacionais, em um momento mais recente a escola voltou a ser cenário para a atuação deste profissional, principalmente em instituições de educação infantil, pois nesta faixa etária a criança adquire novos conceitos e inicia a linguagem oral. Apenas a partir de 2005, o Conselho Federal de Fonoaudiologia normatiza a atuação fonoaudiológica dentro da escola, propondo ações que pudessem favorecer o processo de ensino e aprendizagem como: orientação, capacitação e assessoria aos professores, observações e triagens fonoaudiológicas, além de contribuir para a realização de planejamentos e práticas pedagógicas. Desta forma, a representação do profissional fonoaudiólogo pelos membros da equipe escolar foi construída em função de sua atuação mais voltada à prática clínica. No entanto, para que o fonoaudiólogo se firme como um profissional importante dentro da escola é necessário que haja um trabalho junto aos pedagogos, com a equipe técnica, e com toda comunidade escolar. Desta forma, o fonoaudiólogo deve deixar de ser apenas um assessor do trabalho do professor e estabelecer com ele uma relação de parceria, buscando ações em conjunto em sala de aula que favoreçam os alunos como um todo. Considerando este contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar a percepção de professores de educação infantil sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola. Participaram do estudo 7 sujeitos, sendo 6 professoras de educação infantil e uma pedagoga de educação especial e através dos dados obtidos, com a realização de entrevistas semiestruturadas, buscamos realizar o tratamento dos dados coletados utilizando a Análise de Conteúdo. Nossos achados sugerem que este grupo de professoras apresenta um conhecimento restrito sobre quem é o fonoaudiólogo e qual é a sua atuação. Em geral, designam esse profissional como um especialista que trabalha com algum aspecto relacionado à saúde, como por exemplo: a voz. É necessário, portanto, que haja uma ação específica dos fonoaudiólogos no âmbito escolar, promovendo maior conhecimento a respeito de sua atuação, além disso, é importante que se tenha uma troca de saberes entre as áreas da fonoaudiologia e

da pedagogia desde a graduação. As mudanças que buscamos para a fonoaudiologia escolar não ocorrerão rapidamente, nem tampouco com ações isoladas e esporádicas, mas sim através de um processo em que é primordial a participação de fonoaudiólogos que estão inseridos nas escolas, para que promovam ali ações concisas e contínuas colaborando para a transformação do ambiente escolar.

Palavras- chaves: percepção; fonoaudiologia; educação infantil.

ABSTRACT

Speech therapy was born with education in a rehabilitation interface, on which it should correct the deviations in language. However, during its trajectory, it withdrew from schools and focused on its actuation in clinics and private offices. Speech therapy has had a recent return to infant schools, mostly because during the early ages children acquire new concepts and starts oral communication. In the beginning of the profession, the Speech therapy activity was centered in evaluating the school population aiming to detect disturbances in speech or written communication, which were forwarded to treatment outside of the school. Some cases were treated in the school, which is currently vetoed by the Federal Council of Speech therapy. Only after 2005, the Federal Council of Speech therapy determined the actuation of the speech therapy inside the school, after which a new approach would be needed to include in this actuation more than evaluation and forwarding, allowing the speech therapy to work alongside pedagogues, technical staff and the entire school community. To act according to this new approach, it's understood that the speech therapy must become more than an assistant to the professor, establishing a relation of partnership, aiming to reach the students as a whole. Considering this context, this study aims to analyze the perception of professors acting in infant education on the actuation of the speech therapist in school. Seven professors were part of the study and, through the data obtained via structured interviews, it was sought to analyze the data using the Content Analysis. The findings suggest that the professor presents a restricted knowledge about who is the speech therapy and what is their function. In general, they designate this professional as a specialist that works with some aspect related to health, for example: the voice. Therefore, it's necessary for the speech therapist to act in the school scope, promoting a higher knowledge about their acting. Besides, there must be a knowledge exchange between speech therapy and pedagogy since graduation. The changes we seek for speech therapy will not happen quickly, nor with isolated and sporadic actions, but through a process on which is essential the participation of speech therapist inserted in schools, where they will promote concise and continuous actions, collaborating for the transformation of the school environment.

Key words: perception; speech therapy; infant education.

SUMÁRIO

Capítulo1-Introdução.....	11
Capítulo 2– A linguagem na Escola.....	27
Capítulo 3 – Fundamentação Teórica – A teoria que sustenta a análise.....	36
3.1- Caracterizando o Campo de Pesquisa	40
Capítulo 4- Objetivos e Método.....	46
Capítulo 5- Resultado e Discussão dos dados obtidos.....	54
Capítulo 6- Algumas considerações.....	88
Referências.....	91
Apêndice 1.....	102
Apêndice 2.....	103
Anexo 1.....	104

1. Introdução

1.1.-Percurso Histórico da Fonoaudiologia

Para tratar do percurso histórico da fonoaudiologia no Brasil é necessário compreender o momento histórico e político em que nasce essa profissão. Tecendo um paralelo entre o que acontecia nesses espaços e na nova área de conhecimento que emergia. Desde o final do século XIX o Brasil passava por um processo de urbanização acelerado, resultado da diversificação da cafeicultura e intensificação da atividade industrial, assim muitos cafeicultores passaram a investir parte do lucro obtido com a exportação do café, no estabelecimento de indústrias, localizadas principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Eram fábricas de tecidos, calçados e outros produtos de fabricação simples.

Com a presença cada vez maior de fábricas nos grandes centros urbanos houve um aumento no número de trabalhadores, que vinham de várias regiões do país e até de fora dele, principalmente da Itália, formando os chamados *aglomerados populacionais*. Tais aglomerados reuniam pessoas de diversas regiões do país, eram heterogêneos quanto aos hábitos culturais, costumes, interesses e também dialetos, essas diferenças foram denominadas na época de *patologias social*¹.

A elite da época via nesses grupos de trabalhadores uma ameaça à tranquilidade social, sendo assim os governantes da época se uniram para tentar eliminar aquilo que era denominado “patologia”, e que na visão deles ameaçava toda a população e o progresso do país, era necessária então, uma reorganização para assim pudesse ter modernização e desenvolvimento industrial, como podemos mostra no trecho a seguir:

“A organização destes grupos com identidade própria, a partir da manutenção de suas tradições, era interpretada como a causa de uma suposta promiscuidade de línguas e

culturas, que ameaçava interesses nacionais e o próprio processo de modernização e industrialização que se instituía no Brasil.”¹

Com esse discurso que priorizava a industrialização, a partir de 1910 iniciam-se os movimentos reformistas e moralizadores da república, em que se propunham a unificação nacional em diversas áreas como: saúde, educação, cultura e organização racional do trabalho. Buscava-se assim, um brasileiro padrão e para que isso fosse possível todos deveriam ir à escola, a educação que antes era um direito de todos passou a ser um dever e a escola passou a ser palco da homogeneização dos sujeitos, sendo eleita como um lugar privilegiado para o tratamento de tais problemas.

“A escola não deve formar intelectuais débeis e rachiticos, mas deve proteger a saúde da nossa raça em formação tão heterogênea com sua amalgamas múltiplas, consequência fatal de nosso cosmopolitismo e país de imigração por excelência.” ^{1}*

A língua do país deveria ser aquela mais próxima do padrão, ou seja, sem erros, ou vícios de linguagem e este novo modo de falar seria difundido também através dos meios de comunicação da época como rádios e jornais, sendo utilizados como ferramenta de moralização da população, devendo dar o modelo denominado como correto a toda população. Os professores tinham uma difícil tarefa, a de corrigir a fala, sendo que o principal problema era o de eliminar os vícios presentes nas pronúncias dos alunos, segundo os professores da época somente após essa etapa de uniformização da fala é que seria possível iniciar os trabalhos para uma bela locução.¹

“A pronúncia correta compreende a ausência de vícios... A missão do professor é falha se

¹ Oliveira CAB, *apud* (2)

não conseguir obter de seus alunos a pronuncia correta.”²

Neste mesmo período surgiu o movimento denominado *Higienista*, cujos principais representantes foram Belisário Penna, Edgar Roquette-Pinto, Monteiro Lobato, Octávio Domingues, Oliveira Viana e Renato Kehl, em que se propunha cuidar da população, educando-a e ensinando novos hábitos. Acreditava-se que a falta de educação e de saúde do povo brasileiro era o fator responsável pelo atraso do país com relação à Europa.³

Eles acreditavam que por meio da educação seria possível resgatar uma cultura mais forte e mais representativa do espírito empreendedor do povo brasileiro. O discurso higienista colocava como consequência da educação democratizada virtudes valorizadas, à época, assim o povo cuidaria melhor de si mesmo e transmitiria isso a seus filhos e a gerações futuras, preparando-se assim para o trabalho moderno e possibilitando maior desenvolvimento brasileiro. Seguindo esta lógica, todas as doenças deveriam ser tratadas e os desvios corrigidos.³

O movimento higienista tinha como objetivo principal melhorar as condições de saúde da população brasileira, no entanto não possuía uma real preocupação com possíveis afecções ou com os sujeitos portadores das mesmas, estavam interessados apenas em detectar, discriminar e fixar os limites entre o normal e o patológico, a fim de segregar a população em dois grupos, os de sujeitos adequados e de sujeitos desajustados.⁴

Tal movimento acarretou na criação de serviços técnico-especializados, voltados para a melhoria da saúde de seus alunos. Aos poucos a influência médica acabou impondo aos professores outra maneira de atuação, passaram a ser terapeutas, o que contribuiu para a ampliação da medicalização na educação.

Segundo opiniões de nacionalistas da época, como a do médico Miguel Couto³ o Brasil possuía apenas um problema nacional – “A Educação do

^{2*} Nascentes, Antenor. O idioma Nacional na escola Secundária. Biblioteca de educação organizada pelo Lourenço Filho. Vol. XXIV, Ed. Proprietária, Companhia Melhoramentos, SP, 1935. *Apud* (2).

Povo”, a língua nacional encontrava-se contaminada pela diversidade cultural e dialetal oriundas dos movimentos migratórios da época. Havia um grande índice de analfabetismo e acreditava-se que a educação era um ponto chave para a mudança social e resolução de tal problema.^{1,4}

“Fomentando a ideia de que a patologia social ameaçava toda a população e de que sua eliminação fazia-se necessário a participação de profissionais advindos de diferentes ramos, diversos especialistas foram aclamados como competentes para salvar o país [...] agentes públicos elegeram a escola como lugar privilegiado para o tratamento da raiz dos problemas nacionais.”¹

A fonoaudiologia foi regulamentada como profissão em 9 de Dezembro de 1981, pela lei 6.965 e pelo decreto 87.218, de 31 de Maio de 1982.⁵ No entanto, percorreu-se um longo caminho histórico até chegar de fato a sua regulamentação. Sua origem já era datada desde os anos vinte na cidade de São Paulo, segundo estudos de Figueiredo Neto e Berberian*⁴ que enfatizavam a necessidade de profissionais que atuassem com relação aos desvios nos padrões normais da língua. Nas décadas de quarenta e cinquenta deram-se início a atividade profissional propriamente dita, com formação ligada ao curso de Magistério, evidenciando sua ligação com a área da educação.⁷

Inicialmente os fonoaudiólogos eram chamados de ortofonistas, palavra de origem francesa em que significa “dizer corretamente” ou “bem falar”⁸, estes

*Couto, Miguel, médico de destaque no final dos anos 20, que presidiu a Associação Brasileira de Educação e Academia Brasileira de Medicina. Cf. Couto, Miguel. “No Brasil só há um Problema Nacional: A Educação do Povo”, RJ, Tip. Jornal do Comércio, 1927, artigo distribuído em escolas públicas para alunos. *Apud* (¹)

⁴ Figueiredo Neto LE. O início da prática fonoaudiológica na Cidade de São Paulo. Seus determinantes históricos e sociais. (Dissertação de Mestrado) Puc- SP, 1988. Berberian AP. A normalização da língua nacional: práticas fonoaudiológicas, 1920-1940. (Tese de Mestrado: Distúrbios da Comunicação) Puc-SP. São Paulo, 1993. *Apud* (⁴)

profissionais tinham o dever de padronizar a Língua oficial do país, em nome de uma ideia de nação homogênea. Na década de 1930, a língua era sinônimo de grande valor social, herança do Movimento Nacionalista da década passada. Este movimento tinha por objetivo uniformizar a língua como um fator de unidade nacional e qualquer desvio era considerado como “fora do padrão”.⁹

Neste sentido, ao tratar de noções de normal e patológico, ajustado e “desajustado”, o trabalho de Caron¹⁰ traz uma reflexão a respeito dos testes utilizados nos processos psicodiagnósticos de crianças com dificuldades de aprendizagem, e para isso utiliza como pano de fundo a discussão o livro de Foucault “*Vigiar e Punir*”. A autora traz para a discussão a realização de psicodiagnósticos de crianças na faixa etária de 4 a 14 anos, que são encaminhadas pelas escolas, por médicos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e até pela própria família. O estudo desenvolve-se em dois momentos, no primeiro sendo solicitada à criança a escrita de palavras, frases e a realização de cópias. Em um segundo momento era permitido que a mesma falasse de si e do outro sem uma definição prévia. Com o estudo a autora busca confirmar sua hipótese de que a concepção de linguagem presente nos testes psicológicos é estereotipada, ou seja, uma concepção que enxerga a língua de forma distante dos diversos usos feitos pelos diferentes sujeitos em diferentes contextos, não sendo possível assim afirmar e/ou constatar um possível distúrbio, pois há uma diferença na escrita imposta pela situação de teste e a produzida de forma espontânea. Segundo a autora, não se leva em consideração que o sujeito é atuante e pode não aprender a língua escrita de forma linear como a grande maioria.

Voltando-nos ao percurso histórico da fonoaudiologia, seu nascimento está diretamente ligado à atividade pedagógica do professor, no entanto o caráter reabilitador exigiu deste profissional uma aproximação maior à área médica.⁷ Com o advento da Segunda Guerra Mundial um grande número de soldados e de civis foram acometidos por lesões neurológicas que ocasionavam problemas de locomoção e de linguagem, o que proporcionou uma relação mais estreita entre a fonoaudiologia e demais profissões da área da saúde. Além disso, durante este período militares realizavam a identificação

dos sujeitos que tinham dificuldades na fala e na audição, devido aos combates e iniciavam programas de pesquisas com tais sujeitos. Estes estudos mostraram que a terapia fonoaudiológica poderia ser eficaz, desta forma, após a Guerra os programas para formação de fonoaudiólogos cresceu em grande número.¹¹

Aos poucos, sua atuação foi sendo realizada em consultórios particulares, centrada na reabilitação dos sujeitos. Foi neste contexto que surgiram nas décadas de 1960 e 1970, a instauração dos primeiros cursos de nível superior, na USP em 1960 e na PUC-SP em 1961. Eram cursos de graduação em logopedia cujo intuito era o de formar terapeutas que pudessem reabilitar indivíduos com afecções na voz, fala, linguagem e na audição, ambos os cursos tinham duração de um ano.¹²

Durante a década de 70 e início dos anos 80, os cursos de Fonoaudiologia passaram a ter duração de 2 anos e meio, com carga horária de 1.800 horas/aula e formavam tecnólogos. Por força da Lei de nº 6.965, de 09 de dezembro de 1981, a profissão de fonoaudiólogo foi regulamentada e reconhecida em todo o território nacional, sendo nesta data comemorado oficialmente dia do fonoaudiólogo. Foram criados também o Conselho Federal e Regional de Fonoaudiologia, com objetivo de normatizar e fiscalizar o exercício da profissão, tendo suas atividades iniciadas no ano de 1983. Em 15 de Setembro de 1984, pela Resolução do CFFa de N° 010/84, foi aprovado o primeiro Código de Ética da profissão, que determinava os direitos, deveres e responsabilidades do profissional.

Em uma resolução posterior (06/83), o Conselho Federal de Educação transforma todos os cursos de formação de Tecnólogos em “Cursos de Graduação Plena em Fonoaudiologia”, equivalente ao Bacharelado, exigindo, com isso, uma reformulação curricular em todos os cursos existentes. Este novo Currículo Mínimo, no entanto, ainda mantinha forte a influência do tecnicismo, herdado de décadas passadas. Para que fosse possível acompanhar o avanço científico e tecnológico que ocorria na área, aos poucos esse currículo passou a sofrer algumas modificações, a fim de acompanhar o ritmo evolutivo da ciência, minimizando a influência do tecnicismo. Iniciou-se,

então, uma ampla discussão em torno do currículo do curso, abrindo caminhos para questionamentos a respeito da Fonoaudiologia enquanto ciência.

No início da década de noventa, houve a necessidade de revisão dos currículos para formação do fonoaudiólogo, ocorreram discussões, diante das exigências de uma sociedade cada vez mais diversificada. Ainda no final dessa década, em 1998, o MEC, através de uma comissão de especialistas na área, inicia a elaboração das novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Fonoaudiologia. Em 2001, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da Área de Saúde, que incluía o Curso de Fonoaudiologia. Essas Diretrizes preocupam-se, em garantir uma sólida formação básica, preparando o futuro profissional para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições atuais de exercício profissional.¹³

No que diz respeito à atuação fonoaudiológica, propriamente dita, Giroto¹⁴ relata que até o final da década de 1970, o modelo seguido era clínico-médico, desta forma, buscava-se a reabilitação das alterações de linguagem, sendo o trabalho focado na detecção dos distúrbios da comunicação, tal fato contribuiu para que o professor se preocupasse mais com a identificação do problema que o aluno apresentava do que compreender sua real natureza. Além disso, fonoaudiólogo era concebido como aquele profissional que era detentor do saber e sendo assim, deveria oferecer instrumentos para resolver o problema do aluno.

Já na década de 80 novos paradigmas foram adotados o que favoreceu a mudança das concepções de saúde e linguagem dentro da fonoaudiologia, permitindo que suas ações se distanciassem do caráter exclusivamente clínico e passassem a ter um caráter preventivo, apropriando-se do conceito mais amplo de saúde, que segundo a OMS¹⁵ é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade. Assim, a saúde pode ser compreendida como um fenômeno que sofre influência de diversos fatores, como: fatores físicos, socioeconômicos, culturais e ambientais. A sua promoção é um investimento que objetiva a

ampliação das possibilidades de saúde e desta forma, evitar processos de doença e de invalidez.

1.2.- Áreas de atuação Fonoaudiológica

Em 2002 o Conselho Federal de Fonoaudiologia¹⁶ (CFFa) elaborou um o documento intitulado “Exercício Profissional do Fonoaudiólogo”, no qual descreve as grandes áreas de competência de tal profissional, sendo doze áreas descritas. Esse documento tem por objetivo guiar e orientar a respeito da atuação fonoaudiológica no Brasil. Em 2007 esse documento foi revisado e renomeado para “Áreas de Competência do Fonoaudiólogo no Brasil”, sendo elas:

- 1)- Desenvolver ações de saúde coletiva dos aspectos fonoaudiológicos;*
- 2)- Realizar diagnóstico de Fonoaudiologia;*
- 3)- Executar terapia (Habilitação/Realibitação);*
- 4)- Orientar pacientes, clientes internos e externos, familiares e cuidadores;*
- 5)- Monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento);*
- 6)- Aperfeiçoar a comunicação humana;*
- 7)- Exercer atividades de ensino;*
- 8)- Desenvolver pesquisas;*
- 9)- Administrar recursos humanos, financeiros e materiais;*
- 10)- Comunicar-se.*

Sendo assim, o fonoaudiólogo tem a possibilidade de atuar em diversos locais como: unidades básicas de saúde, ambulatórios de especialidades, hospitais, maternidades, consultórios particulares, clínicas, serviços de atendimento domiciliar, os chamados de “*home care*”, asilos, casa de saúde,

creches, berçários, escolas regulares e especiais, instituições de ensino superior, associações, empresa e veículos de comunicação como: rádio, televisão e teatro.

Até 2006 o Conselho Federal de Fonoaudiologia¹⁷ através da resolução de número 320 citava como sendo cinco as áreas de especialidade: audição, voz, motricidade orofacial, linguagem e saúde coletiva. Atualmente são onze as áreas de especialidade reconhecidas pelo conselho: audiologia, disfagia, gerontologia, fonoaudiologia educacional, fonoaudiologia neurofuncional, fonoaudiologia do trabalho, neuropsicologia, linguagem, motricidade orofacial, voz e saúde coletiva.

Dentre todas as áreas de atuação, a fonoaudiologia escolar tem maior destaque em nosso trabalho, por buscar compreender a percepção de professores de educação infantil sobre a atuação do fonoaudiólogo dentro do âmbito escolar.

“Refletir sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola e sua colaboração junto ao educador no desenvolvimento do processo de comunicação e de aprendizagem dos alunos é pensar que as grandes transformações podem começar a partir da forma de educar e do trabalho mútuo de profissionais envolvidos nesse processo”¹⁸

Ao longo da história as ações voltadas para educação e saúde na escola ocorriam de forma isolada, com ações objetivadas apenas na correção de possíveis desvios e/ou mudanças de atitudes e comportamentos, sem considerar o contexto em que os alunos estavam inseridos e sem refletir sobre o real papel da saúde dentro do contexto escolar.

Desde a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a saúde passa a ser um tema transversal e a escola passa a ser cenário para sua promoção. Assim, em 1954, a Comissão de Especialistas em Educação em Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) sinalizou a respeito da necessidade de realização de ações voltadas à promoção de saúde dentro do

espaço escolar, como já foi explicado anteriormente, acreditava-se que saúde era mais do que a ausência de doenças, mas sim um bem estar global do sujeito. Foi então apresentada uma abordagem inicial ao conceito de Escola Promotora de Saúde.¹⁵

Em 1998, o Ministério da Saúde, através da Secretaria de Políticas de Saúde, instituiu o Projeto Promoção da Saúde, com objetivo de elaborar e desenvolver uma política nacional de promoção da saúde, sendo previstas algumas ações como: Promoção da Saúde da Família e da Comunidade, Promoção de Ações contra a violência, Capacitação de Recursos Humanos para a promoção e Escola Promotora de Saúde, Espaços Saudáveis e Comunicação e Mobilização Social.¹⁹

Neste contexto, fica claro que a escola passa a ser um cenário importante de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento, sendo considerada o espaço ideal para a realização de programas que tenham como objetivo a promoção e educação em saúde.

“A escola é o lugar ideal para se desenvolverem programas de Promoção e Educação em Saúde de amplo alcance e repercussão, já que exerce uma grande influência sobre seus alunos nas etapas formativas e mais importantes de suas vidas.”²⁰

O documento sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação publicado em 2010 é uma ferramenta importante para a questão da saúde na escola, pois busca revisar as concepções sobre educação de crianças dentro de espaços coletivos, selecionar e fortalecer práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

A partir da década de 80 a fonoaudiologia passa a ter sua atuação reconhecida dentro do ambiente escolar, promovendo ações de triagens e encaminhamentos, com objetivo de identificar e prevenir alterações fonoaudiológicas. Já na década 90, ampliam-se as publicações com propostas de trabalho neste contexto, colaborando para que a escola pudesse considerar

a linguagem como constituinte dos sujeitos, independentemente da presença ou não de distúrbios de comunicação.

Em 1993, o Conselho Federal de Fonoaudiologia, preocupado com a formação profissional, promoveu o “Primeiro Fórum de Formação Profissional”, com objetivo de discutir questões ligadas a perspectiva de formação do fonoaudiólogo bem como seu currículo de formação. O que se encontrou nesta discussão foi a necessidade de uma reformulação do currículo mínimo de forma que o profissional formado pudesse enxergar além do enfoque terapêutico-individual.¹³

Em relação a necessidade de uma releitura a respeito do enfoque terapêutico-individual Machado, Berberian e Massi²¹, apropriando-se dos conceitos oriundos da área da linguística e baseando-se em concepções advindas de autores como Vygostky e Bakhtin, que embasavam os trabalhos de/sobre linguagem na área de Educação e da Linguística, propiciam uma maior aproximação da Fonoaudiologia com áreas outras, que não só a médica ou clínica. Correa⁵ aponta que as atividades em grupo na área fonoaudiológica começaram a ser utilizadas na década de 80. Eram iniciativas isoladas, motivadas por absorver a demanda de pacientes no sistema público de saúde. Posteriormente em meados de 1990 a terapêutica grupal passa ser vista por alguns fonoaudiólogos como uma possibilidade de atendimento diferente do tradicional modelo clínico individual. O trabalho apresentado pelas autoras baseia-se em uma concepção discursiva e interacionista da linguagem, tendo em vista que o homem é um ser social, histórico e cultural e a linguagem é constitutiva do sujeito e das relações sociais, sendo assim a apropriação da escrita não corre de forma passiva, mas de uma forma dinâmica incluindo práticas de leitura e escrita socialmente significadas, intermediada nas relações sociais. Santana e Serratto⁶ colocam que atuar com o grupo não é algo

⁵ *Correa MB. Considerações sobre terapia de grupo na clínica fonoaudiológica. In: Lier de Vitto MF.(Org). Fonoaudiologia: no sentido da linguagem. 2ed. São Paulo. Cortez, 39-48p. 1997. *Apud* ⁽²¹⁾

⁶ *Santana AP, Dias F, Serratto MRF. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo. Plexus. 2007. 11-38p. *Apud* ⁽²²⁾

objetivado em realização de prescrições, ou na ocorrência de transformações instantâneas e eficazes, mas sim, como um local para que reflexões sejam feitas, que as diferenças sejam respeitadas e que a experiências de outros forneça apoio a cada membro que ali participa, fazendo (re) significações sobre sua problemática.

Desta forma, após as discussões realizadas no “Primeiro Fórum de Formação Profissional” o fonoaudiólogo passa a construir um vínculo com a população, assumindo responsabilidades sociais e construindo um lugar além do consultório.⁷ Ainda na década de 90, com a instituição do Sistema Único de Saúde, a Fonoaudiologia incorpora e propõe ações no contexto educacional, baseadas nos pressupostos da Promoção de Saúde, levando em conta que a linguagem pode ser compreendida a partir do seu caráter social e cultural e não apenas, por seus desvios.^{9,23}

Esse novo paradigma da Saúde, como já foi explicitado anteriormente, visa o empoderamento do próprio sujeito e da coletividade como sendo corresponsáveis na compreensão e intervenção sobre as suas necessidades de Saúde e condições de vida.^{24,25}

Em 01 de Abril de 2005 o Conselho Federal de Fonoaudiologia, a fim de normatizar a atuação fonoaudiológica na área da educação, além de conscientizar e valorizar o trabalho de tal profissional dentro da comunidade escolar publica a resolução 309 na qual o fonoaudiólogo pode desenvolver ações junto aos educadores como: capacitação e assessoria, desenvolvimento de programas fonoaudiológicos, orientações quanto ao uso da linguagem, motricidade oral, audição e voz, observações e triagens fonoaudiológicas, ações que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem, bem como contribuições na realização de planejamentos e práticas pedagógicas dentro da instituição de ensino. Sendo vetada a realização de atendimentos clínico-terapêuticos dentro do ambiente escolar.⁵

E na resolução de número 382 de 20 de Março de 2010, o CFFa²⁶ reconhece duas novas áreas como especialidades: a Fonoaudiologia Escolar/Educacional e a Disfagia. Na especialidade de Fonoaudiologia

Escolar/Educacional cabe ao fonoaudiólogo as seguintes atribuições e competências:

- 1) *Conhecer as políticas de educação definidas em âmbito federal, estadual e municipal, bem como os programas, projetos e ações relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. Deve também atuar em parceria com os educadores visando contribuir para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do escolar; melhoria da qualidade de ensino; aprimoramento das situações de comunicação oral e escrita; identificação de situações que possam dificultar o sucesso escolar e elaboração de programas que favoreçam e otimizem o processo de ensino aprendizagem. Deve ter, ainda, conhecimento aprofundado da inter-relação dos diversos aspectos fonoaudiológicos com os processos e métodos de aprendizagem no ensino regular e especial.*
- 2) *Colaborar no processo de ensino-aprendizagem por meio de programas educacionais de aprimoramento das situações de comunicação oral e escrita; oferecer assessoria e consultoria educacional atuar em gestão na área educacional; atuar em consonância com as políticas, programas e projetos educacionais públicos e privados vigentes.*

O fonoaudiólogo dentro do âmbito escolar pode atuar na prevenção e promoção de saúde com ações voltadas à criação de condições favoráveis ao

desenvolvimento das potencialidades dos alunos e auxiliando na diminuição do fracasso escolar, sendo o fonoaudiólogo especialista em linguagem ou em lidar com os problemas, utiliza seu saber para detectar, tratar e prevenir alterações de linguagem. Para a autora, o fonoaudiólogo é o especialista capaz, através de sua técnica, de restabelecer o equilíbrio na escola. E que inicialmente mediante uma prática pautada na perspectiva clínica, detecta no grupo, aqueles indivíduos que destoam à norma social e atrapalham o processo pedagógico.²⁷

A inserção da Fonoaudiologia na escola também possibilitou algumas reflexões sobre a patologização da educação, da produção do fracasso escolar, da diferenciação entre o trabalho fonoaudiológico clínico e o escolar e consequentemente dos referenciais que embasavam tal atuação. Alguns autores trazem a ideia de que tais questionamentos promoveram discussões acerca do papel do fonoaudiólogo voltado somente para a “doença” e indicaram a possibilidade de este ser um profissional que trabalharia na promoção da saúde do processo de comunicação humana.^{28,29}

Segundo Andrade³⁰ a prevenção fonoaudiológica se dá pela eliminação de fatores que interferem no desenvolvimento adequado da fala, linguagem e da audição. Sendo assim, evidencia-se sua importância do espaço escolar e a necessidade de que os profissionais de educação conheçam as características do processo de amadurecimento de seus educandos.

É preciso que o fonoaudiólogo repense sua posição de atuação, não sendo apenas mero examinador ou orientador dentro da escola, mas que considere a comunicação e a linguagem como ações políticas de acesso e produção dos bens sociais e culturais, ocupando desta forma, o papel de agente transformador.²⁴

Analisando alguns trabalhos publicados dentro da área da fonoaudiologia escolar, é possível perceber que em muitos são apresentados propostas de atuação dentro da escola, em um trabalho direto com os alunos ou com os professores. No trabalho de Silva e Calheta³¹ as fonoaudiólogas apresentam reflexões acerca da assessoria fonoaudiológica na escola, apontam que o primeiro trabalho publicado trazendo esta discussão foi das

autoras Pacheco e Caraça^{*7}, relatando como sendo três as principais atribuições do fonoaudiólogo no âmbito escolar, sendo elas: a participação na equipe escolar, triagem e terapia. Neste momento nos interessa abordar com maior ênfase o papel do fonoaudiólogo como assessor ou consultor no contexto escolar.

Como assessor, o fonoaudiólogo deve transmitir os conhecimentos específicos de sua área aos demais membros equipe, já no papel de consultor, o fonoaudiólogo deve ser responsável por esclarecer os demais profissionais, à medida que surjam problemas relativos à sua área, favorecendo uma troca de informações constante.

As autoras Sacaloski, Alavarsi e Guerra³² colocam o fonoaudiólogo como aquele que atua como assessor, participando do planejamento escolar e transmitindo informações e sugestões aos professores, além disso, como consultor, orienta a respeito de problemas observados através das triagens fonoaudiológicas.

Segundo Barcellos e Goulart³³ o fonoaudiólogo que promove assessoria escolar deve atuar através da escuta a respeito da demanda do professor, realizando então reflexões sobre seus dizeres e fazeres, de forma que o enfoque seja no processo educacional. Tal conduta permitirá transformações no conceito que o professor possui a respeito de sua atuação em assessoria escolar fonoaudiológica.

Já para Calheta³⁴ a assessoria fonoaudiológica escolar caracteriza-se por propostas de ações em promoção da saúde, através do estabelecimento de relações discursivas entre os professores e o fonoaudiólogo.

Observa-se pela discussão tratada até o momento, que a Fonoaudiologia Educacional vem sofrendo diversas transformações ao longo dos anos, tendo que se reinventar e aprofundar seus conhecimentos teóricos. Nota-se que o modelo higienista, presente nos primórdios da fonoaudiologia,

^{*}Pacheco ECF, Caraça EB. Fonoaudiologia escolar. In: Ferreira LP. (Org). Temas de fonoaudiologia. 8.ed. São Paulo. Loyola. 1984. 199-209p. *Apud* (³¹)

ainda tende a ser uma forte referência para os fonoaudiólogos que se inserem neste campo de atuação. Contudo, alguns profissionais, através de sua prática, vêm promovendo mudanças significativas em seu perfil de atuação, objetivando sua ação na contribuição para o processo de ensino-aprendizagem, tornando-se corresponsável pelo papel social da escola, discussão, ainda, que está caminhando e deve ser aprofundada no contexto da Fonoaudiologia em nosso país.³⁵

O fonoaudiólogo em uma perspectiva interdisciplinar teria muito a contribuir ao trabalho pedagógico, pois possui conhecimento em uma competência específica e a partir desta, pode apoiar os professores a fim de maximizar o potencial de aprendizagem dos alunos.³⁶ A autora considera ainda a especificidade do trabalho pedagógico desenvolvido nas classes de alfabetização, onde o fonoaudiólogo poderia trazer, de sua formação, questionamentos e reflexões para discutir junto aos professores, que por sua vez, refletiriam e discutiriam a respeito das temáticas, a vista de seus próprios conhecimentos.

Além disso, o profissional que se encontra no meio escolar, tem buscado construir uma identidade pautada na promoção da saúde, no entanto para que isto se torne efetivo é necessário que haja um maior entendimento, por parte dos professores e da equipe escolar, sobre seu trabalho.

Nesta perspectiva podemos questionar além do trabalho fonoaudiológico dentro do ambiente escolar, o papel do professor neste contexto, seria este atuante juntamente ao fonoaudiólogo ou apenas espectador de suas ações em sala de aula?

Giroto³⁷ traz esse questionamento a partir de um capítulo do livro “Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola”, segundo a autora o professor vivenciou por muito tempo a atuação fonoaudiológica como uma ação curativa dos distúrbios da comunicação. Tal vivência pode ser atribuída ao percurso histórico da profissão em corrigir os desvios da língua.

Por concentrar um grande número de crianças e por assumir medidas de higienização, a escola se configurou, naturalmente, como o ambiente mais

propício à identificação e à correção, inicialmente, dos desvios da pronúncia e, posteriormente, dos distúrbios da comunicação, com a incorporação de ideias divulgadas por uma série de estudos linguísticos, médicos e psicológicos.^{38,39} Assim, surgiu a necessidade de se designar alguém que pudesse detectar, diagnosticar e tratar tais desvios e alterações. Segundo Berberian^{1,39} essa tarefa foi assumida, pelo professor, que, ao se especializar e incorporar em sua formação informações relativas à linguagem, à audição, à fonação, à fala, entre outras, adquiriu o status de terapeuta dos distúrbios da comunicação, por se especializar nessa área, que posteriormente foi denominada de Fonoaudiologia.

Desta forma, as propostas de atuação fonoaudiológica nas escolas que colocam a participação do professor como aquele que detecta possíveis distúrbios da comunicação, baseia-se na premissa de que ele é o sujeito em contato com os escolares e que por estar próximo tem maiores condições de verificar quais crianças apresentam problemas.³⁷ Esse papel designado ao professor ao longo do tempo somou-se a outro papel comum nos dias atuais: o de atribuir rótulo aos alunos com dificuldades escolares, designando à estes possíveis diagnósticos e encaminhamentos, responsabilizando a criança por seu fracasso escolar, esse fracasso foi muitas vezes confirmado pelo fonoaudiólogo ao pautar sua atuação dentro da escola na realização de procedimentos de triagem.

As propostas que atualmente obtém sucesso na escola são aquelas que incluem o professor nas discussões e no fazer em conjunto e que não estão preocupadas apenas em ensiná-lo a detectar problemas.³⁷

Capítulo 2- A linguagem na escola

Por ser a linguagem o objeto central de estudo da fonoaudiologia, nesse capítulo farei uma reflexão sobre o importante papel que a escola exerce na aquisição de conceitos, além de ser ambiente rico e estimulador da linguagem oral e escrita. Assim, sabendo que a linguagem é constitutiva do sujeito desde os seus primeiros anos de vida e sendo o fonoaudiólogo, um profissional

especialista nesta área, sua atuação dentro do ambiente escolar deveria ser por si só justificada e necessária. No entanto, encontrar o fonoaudiólogo compondo a equipe escolar é algo pouco comum.

“[...] a escola como instituição social, um lugar historicamente tornado legítimo para a transmissão/construção do conhecimento.”⁴⁰

As creches e pré-escolas tiveram sua origem devido a necessidade das mães de baixa renda não terem onde deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Esses locais, a princípio, deveriam fornecer às crianças os cuidados básicos de higiene, nutrição e proteção.⁴¹

No Brasil, em 1889, durante o sistema republicano, surgiram as primeiras creches, apesar de já existirem instituições destinadas à infância na Monarquia, somente na República é que as instituições de educação cresceram em número razoável. Antes disso, o que se via eram tentativas de proteger a infância, em que se predominavam as ações de caridade às crianças desamparadas.⁴²

Desde a década de 70, ocorreram diversos movimentos sociais que tinham como objetivo a busca de creches e pré-escolas de qualidade, com intuito de unificar os conceitos de cuidar e educar, exigindo, então que estes espaços fornecessem às crianças não apenas cuidados básicos como os citados acima, mas também ações educacionais, proporcionando um ambiente saudável, estimulante e de interações com o mundo e com o outro.⁴³

A quantidade de creches aumentou, mais especificamente, em 1923, quando as autoridades governamentais da época reconheceram o grande número de mulheres que trabalhavam nas indústrias. Sendo assim, os donos das indústrias foram pressionados a reconhecerem o direito das mulheres em amamentar, esse direito também se expandiu para o setor de comércio, provocando o aumento no número de instituições destinadas ao cuidado infantil. Tal situação colaborou também para que o trabalho feminino fosse regulamentado em 1932.⁴⁴

Foi em 20 de novembro de 1961 que o Congresso Nacional aprovou a Lei de número 4.024 que objetivava ampla reforma para a educação brasileira, na qual a criança na faixa etária de 0 a 6 anos tinha o direito de receber educação, especialmente em escolas maternais e nos jardins de infância.⁴⁵ No entanto, foi com a Constituição de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que houve avanços para a Educação Infantil, uma vez que se reconheceu um direito próprio da criança pequena, o direito à creche e à pré-escola, sendo dever do Estado oferecer atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 5 anos. Na LDB de número 9394/1996, é declarado que a Educação Infantil é destinada à crianças de 0 a 3 anos em creches e de 3 a 5 em pré-escolas, tornando-se parte integrante da Educação Básica brasileira. Tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, nos seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.⁴⁶

Com base nesse documento, a Educação Infantil passou por um intenso processo de revisão das concepções a respeito da educação de crianças em espaços coletivos e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças pequenas. Desta forma, as instituições de Educação Infantil passaram a serem vistas como espaços em potencial para o desenvolvimento humano, não só das crianças, mas também de seus pais, dos profissionais da educação, da comunidade e sociedade em geral.⁴⁵

A Educação Infantil é, portanto, a porta de entrada da criança para a vida escolar, este termo é muito utilizado para denominar as ações pedagógicas voltadas para crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil os primeiros anos de vida da criança têm grande importância, sendo a educação infantil, portanto, a primeira etapa da educação básica, tendo como objetivo o seu desenvolvimento integral até seis anos de idade.^{47,48}

Atualmente e cada vez mais, a criança é vista como sujeito de direitos, no entanto, muitas lutas e desafios foram travados ao longo da história para se chegar a uma Educação Infantil de direito.⁴⁹ Não são somente os pais que têm

direito de ter uma instituição de Educação Infantil para matricular seus filhos, mas como Oliveira⁵⁰ diz, “*a criança passa a ter direito a uma educação que vá ‘além’ da educação da família*”.

Por ser o homem um ser social, inserido em uma cultura, a escola também é um espaço social, responsável pela transmissão e aquisição de conceitos. Desde cedo a criança é inserida na escola e dentro desse espaço estabelece relações com o outro, relações essas que só são possíveis por meio da linguagem.

Smolka⁴⁰ afirma que ensinar é significar e essa significação só é possível por meio da linguagem. A linguagem é considerada como instrumento mediador do pensamento e elemento que sustenta o desenvolvimento de todas as funções superiores, formando e organizando o pensamento, fornecendo conceitos e formas para o sujeito organizar a sua realidade, sendo ambos, portanto, conceito e forma, constituintes da mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Vygotsky é conhecido por ser um dos principais representantes da corrente histórico-cultural, que coloca a linguagem como ferramenta e recurso de mediação, compreensão, aprendizagem e constituição do sujeito e também da sua ação sobre o mundo. Lev S. Vygotsky, nasceu em Orsha, antiga União Soviética em 1896, foi advogado e filósofo iniciando sua carreira como psicólogo após a Revolução Russa, destacou-se por sua vasta produção literária. Em seus estudos se preocupou em definir em um modelo explicativo, tanto os mecanismos cerebrais subjacentes ao funcionamento psicológico, como o desenvolvimento da espécie humana e do sujeito, ao longo de um processo sócio-histórico.⁵¹ O autor refere-se ao termo social sendo especificamente o social humano, por ser este considerado o princípio da natureza e origem social das funções superiores, afirmando que tudo o que é cultural é social, como afirma: “[...] *é um produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem*”.⁵² Desta forma, a cultura é a totalidade das produções humanas, sendo estas: artísticas, científicas, tradições ou de práticas sociais, tendo importância na vida do indivíduo, fornecendo um ambiente estruturado e repleto de significações.

Outro ponto importante levantado por Vygotsky⁵² é com relação a mediação, sendo possível através desta constituir processos mentais superiores, assim, uma atividade é considerada mediada quando é socialmente significativa. Esta mediação pode ocorrer através de um instrumento que regula a ação do indivíduo sobre objetos externos; um sistema de símbolos, que irá mediar processos psicológicos do próprio ser humano; ou a interação com outros seres humanos. Para o autor os signos exercem um papel importante como mediadores, representando ideias, situações ou objetos; tendo a função de auxiliar a memória humana. Ao longo do desenvolvimento cultural da criança, o signo e o instrumento, ambos caracterizados por sua função mediadora, se inter-relacionam conforme o homem interage com o mundo, devido ao fato de o homem ser sujeito social e histórico e também por ser produto e autor de sua história e de sua cultura através da e na interação social.⁵³

Assim, a linguagem é um sistema simbólico de grande importância para a mediação entre os homens e desses com o mundo que os cerca. A linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, pois, uma vez que participa da organização e planejamento de seu pensamento, exerce também, a função social e comunicativa. Por meio da linguagem a criança entra em contato com o conhecimento de mundo que a cerca, apropriando-se da experiência acumulada pelo gênero humano ao longo da história social. E a partir da interação social, da qual a linguagem é parte fundamental, que a criança constrói sua individualidade.^{54,51}

Segundo a perspectiva histórico-cultural a aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro passando pela mediação com o outro, como afirma Oliveira⁵⁴ no trecho abaixo:

“A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que somente podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas”⁵⁴

Para Vygotsky⁵² o processo de conhecimento ocorre pela produção simbólica e material que tem lugar nas interações. Esse movimento interativo não se dá apenas em uma relação direta entre sujeito-objeto, mas sim na relação sujeito-sujeito-objeto, ou seja, a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro.⁴⁰

"[...] O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social." ⁵²

Ainda segundo o autor a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem de forma dialética e a escola não é a única responsável por esse processo, uma vez que ocorre em uma perspectiva mais ampla, no interior das relações estabelecidas com o meio social. No entanto, a escola tem um importante papel a desempenhar, em especial através do intermédio do professor, pois este, enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem atua na zona de desenvolvimento proximal de seu aluno, possibilitando-lhe tornar real o seu desenvolvimento potencial.

Na perspectiva interacionista é pela linguagem que a criança age sobre o mundo e sobre o outro, desta forma, a linguagem exerce uma função cognitiva e comunicativa. Sendo assim, quando pensamos na atuação do fonoaudiólogo, tanto em sua prática clínica, como escolar, este profissional deverá atuar fora dos moldes tradicionais, não observar apenas aquilo que falta na criança, ou utilizar-se apenas de avaliações fonético/fonológica, mas sim, atuar integrando a criança e o outro percebendo-os como ativos no processo de interação e de construção do conhecimento de mundo. Desta forma, a análise de crianças com queixas de linguagem é ampliada, uma vez que entende-se a linguagem da criança como algo efetivo em uso na relação com o outro.⁵¹

Para Cunha⁵⁵ o fonoaudiólogo deve estar atento às queixas da fala do paciente, mas deve, principalmente, atentar-se sobre aquilo que não é dito, ou

seja, seu conteúdo latente. Assim, o fonoaudiólogo estabelece o papel de terapeuta estruturante e fundante da linguagem da criança. Como é retratado no trabalho apresentado por Calheta⁵⁶ sobre o trabalho realizado nas oficinas de linguagem, significando a natureza e as singularidades da atuação realizada. Sendo a oficina de linguagem um espaço de otimização das condições de uso da linguagem oral e escrita, buscando, como a própria autora diz “[...] *um fazer propulsor do desenvolvimento e do conhecimento para todos os sujeitos envolvidos no trabalho: crianças, pais e fonoaudiólogos*”. Tais espaços são de extrema importância, pois embora não contemplem a instância terapêutica, resultam em efeitos positivos na relação estabelecida entre o sujeito e a linguagem. As crianças inseridas em tais oficinas são envolvidas em uma ressignificação das práticas letradas orais e escritas, possibilitando parcerias discursivas. Desta forma, o fazer fonoaudiológico marcado pela busca de um padrão, deve ser deixado de lado, buscando um fazer marcado pela heterogeneidade, singularidade e pela promoção de saúde.

No trabalho retratado acima o fonoaudiólogo exerce o papel de mediador, sendo possível, através da mediação social das atividades da criança, realizar a construção partilhada de instrumentos e de processos de significação que mediarão as operações abstratas do pensamento. Desta forma, já nos primeiros anos de vida da criança ocorre, através da mediação do outro, o desenvolvimento de suas funções psicológicas, a criança então, apropria-se dos caracteres, dos modos de comportamento, da cultura que são representativos de seu meio social. ⁴⁵

Segundo o Conselho Federal de Fonoaudiologia, o fonoaudiólogo é, portanto, o profissional que trabalha com os distúrbios de comunicação oral, escrita, voz, audição e funções orofaciais (CFFa)⁵ e ao se pensar em distúrbios orais este profissional lida apenas com o que falta ao seu paciente, o seu desvio, uma visão voltada à área da saúde. Desta forma, ao se considerar apenas em distúrbio, não há espaço para a atuação de tal profissional dentro da escola, com outro enfoque como o próprio trabalho com a linguagem. É necessário que além do entendimento e da valorização do trabalho do fonoaudiólogo pela equipe escolar, que o próprio profissional e o Conselho que regulamenta a profissão compreendam a atuação mais ampla dentro da escola,

não sendo apenas um profissional da área da saúde, mas sim, que atue também dentro da educação, podendo promover diversas atividades dentro do ambiente escolar, a fim de evidenciar sua atuação como algo necessário e benéfico para professores, pais e alunos.

Como traz Barros⁵⁷ o sujeito que procura este profissional não é apenas um corpo, em que lhe falta algo, mas sim, um corpo de um sujeito que se relaciona com o mundo através da linguagem. E independente da área de atuação na clínica fonoaudiológica, é para o trabalho com a linguagem que a fonoaudiologia elabora a sua prática.

*“A capacidade e as habilidades de comunicação do homem são terapeutizadas para a adequação da sua existência no espaço social, para as relações na sociedade”.*⁵⁷

Sendo assim, o fonoaudiólogo inserido na escola tem muito a contribuir na equipe escolar, não apenas como profissional da área da saúde que realiza apenas procedimentos de triagem, encaminhamentos e orientações, mas sim, como aquele que ao trabalhar com a linguagem, age como mediador das relações sociais.

*“[...] Sendo a escola um local privilegiado, o fonoaudiólogo poderá auxiliar o educador no sentido de perceber essa importância criando situações de uso mais efetivo da linguagem com as crianças, construindo com os professores formas mais amplas de compreensão de seus alunos, visto que aqueles estão lidando constantemente com os aspectos ligados à comunicação destes.”*⁵⁸

Assim, como afirmam Roncato e Lacerda⁵⁸ é importante que o professor reflita sobre as questões de linguagem e seu desenvolvimento. O fonoaudiólogo exerce um papel importante na viabilização de propostas junto às escolas, contribuindo para o desenvolvimento linguístico dos alunos.

Professor e fonoaudiólogo devem, portanto, atuar como parceiros dentro do ambiente escolar, elaborando ações que visem aperfeiçoar o desenvolvimento dos educandos.⁵⁹ A linguagem oral se desenvolve na interação da criança com o outro, no entanto, dependendo do ambiente em que está inserida e quais interações estabelece, pode ser mais ou menos estimulada a entrar em contato com essa linguagem oral, a se colocar, se fazer entender e narrar. Todos esses aspectos, que podem ser trabalhados em ambiente escolar, tomando tais relações dialógicas como espaço de construção de conhecimento necessário ao desenvolvimento infantil.

Desta forma, é papel do fonoaudiólogo em âmbito escolar, apontar, conscientizar e auxiliar o professor quanto ao seu papel de interlocutor, pois ele também apresenta à criança palavras novas, até então desconhecidas, convidando o aluno a refletir e elaborar novas ideias sobre o que lhe é apresentado.⁵⁸

“[...] o papel do fonoaudiólogo pode ser muito mais amplo e importante do que tem sido comumente assumido, se for considerada a parceria que esse profissional pode fazer com professores responsáveis pela educação infantil para um amplo aproveitamento das situações discursivas presentes neste espaço, fundamentais para um desenvolvimento pleno da linguagem.”⁵⁸

É comum que ao longo da vida escolar da criança, ocorram dúvidas e preocupações, por parte de pais e professores, com relação a sua linguagem oral, queixas quanto a fala ininteligível, trocas, omissões fonológicas ou até mesmo atrasos no desenvolvimento da linguagem, no entanto a linguagem se desenvolve através das relações de interação e nos espaços de interlocução, interações que ocorrem a todo o momento e que podem e devem ser valorizadas dentro do ambiente escolar.

Contudo, para que seja estabelecida uma parceria entre professores e fonoaudiólogos é necessário que os professores compreendam o papel do

fonoaudiólogo e mais do que isto que compreendam a importância da linguagem no papel fundante do sujeito e de como podem ser propulsores do desenvolvimento da linguagem na criança. Portanto, o papel do fonoaudiólogo é amplo e de grande importância se considerar a parceria com o professor para que juntos possam aproveitar as relações discursivas presentes no âmbito escolar e que são fundamentais para o desenvolvimento pleno da linguagem.⁵⁸

Capítulo 3

Fundamentação teórica – A teoria que sustenta a análise

Neste capítulo tenho como objetivo discutir como algumas correntes teóricas concebem a noção de representação e sua relação com a linguagem. Essas noções poderão auxiliar na análise e na compreensão dos dados obtidos, buscando entender qual é a percepção que um grupo de professores de educação infantil tem sobre a atuação fonoaudiológica na escola, seus benefícios, como também como veem a possibilidade de parceria com este profissional.

Ao buscar a percepção do outro lidamos com o sujeito, sua subjetividade, identidade e suas representações, tais conceitos estarão presentes direta e indiretamente em seu discurso, assim antes de analisar os dados obtidos com as entrevistas faz-se necessário discutir, mesmo que brevemente a formação da identidade e da diferença que terá relação direta com as representações, representações estas que formam os sujeitos inseridos no contexto social.

O sujeito está inserido na linguagem, é apreendido por ela e através dela se relaciona com o meio e com os demais, Vygotsky mostra em seus estudos que o meio e tudo que o compõe exerce influencia sobre o sujeito, sobre sua forma de agir, de pensar e de se relacionar com os outros. Para ele as relações sociais são internalizadas, ou seja, desde cedo a criança se apropria da cultura em que está inserida historicamente e este processo ocorre através da interação com o meio e com o outro o que exerce um importante papel em seu desenvolvimento cognitivo e em sua aprendizagem.⁶⁰ Desta forma, para

análise e discussão dos dados do trabalho partiremos de uma concepção de linguagem que percebe o homem como fruto da cultura e desse meio social.

No livro “Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais” Silva⁶¹ discorre sobre o conceito de identidade, ou seja, “aquilo que somos”, e sobre a diferença, ou seja, daquilo que o outro é, estabelecendo assim uma relação de dependência, um conceito não existe sem o outro. No entanto, esses conceitos não são elementos naturais que ocorrem ao acaso, eles são produzidos, ou como o próprio autor diz “[...] *são criações sociais e culturais*”. Tais criações só são possíveis através da linguagem.

Os contextos das relações sociais e culturais, em que a identidade e a diferença são produzidas, estão sujeitas a relações de poder, ou seja, elas não são simplesmente definidas, mas sim impostas e quando há a diferenciação também existe o poder. O autor traz ao longo do texto diversas marcas da presença de poder, mas podemos destacar o exemplo de incluir/excluir (pertencer ou não pertencer a um grupo).

Segundo Silva⁶¹ a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre o “nós” e o “eles”, posições de sujeitos marcados pela relação de poder. Eleger uma determinada identidade como norma é uma das formas de hierarquização das identidades e das diferenças.

“A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo das identidades e das diferenças. Normalizar significa eleger – arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação aos quais as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.”⁶¹

Quando se realiza uma divisão entre o “nós” e o “eles”, acaba-se realizando uma classificação, esse processo ocorre a todo o momento na vida social, como a ideia trazida por Foucault, em que o sujeito em que ser normalizado e para isso é observado, vigiado e quando apresenta qualquer sinal de desvio, ou algo que fuja do padrão estabelecido, o mesmo é retirado

daquele meio e punido. Assim, quando busca-se a normatização atribui-se uma identidade específica como parâmetro em relação às outras identidades que serão avaliadas a partir desta, como podemos observar nas palavras do autor:

“O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.”⁶¹

Desta forma, as classificações são feitas pela óptica da identidade, e a identidade e a diferença são associadas a sistemas de representação, com objetivo de classificar o mundo e as suas relações.

“É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”. É por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: "essa é a identidade", "a identidade é isso.”⁶¹

Sendo assim, podemos compreender que a representação é um sistema de significação, ou seja, uma forma de se atribuir sentido que leva em consideração aquilo que não é dito explicitamente, que não é mostrado, ou

seja, leva-se em consideração toda a instabilidade, ambiguidade e indeterminação presentes na linguagem. E é através da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido.

Fairclough⁶² traz a ideia de que as representações sociais e suas práticas discursivas são resultados de estruturas e processos sociais e históricos em que estão situadas, ou seja, as representações são procedimentos de interpretação, pautados na linguagem e no conhecimento de mundo das pessoas, sua cultura, suas crenças, valores e pressuposições, sendo imagens construídas a partir da interpretação do sujeito em relação a pessoas, conceitos, fatos e objetos com os quais entra em contato no mundo.

“[...] incorporam-nas à sua própria prática, e representam-nas diferentemente em função do seu posicionamento. A representação é um processo de construção social de práticas, incluindo a autoconstrução reflexiva, modelando processos e práticas sociais.”⁶²

O discurso está contido de representações, pois os atores sociais inseridos em práticas sociais produzem representações acerca das demais, bem como representações e/ou reflexões da sua própria, no exercício das atividades que a constituem. Como o próprio autor refere:

“Os discursos incluem representações de como as coisas são e têm sido, bem como imaginários, entendidos como representações de como as coisas seriam, deveriam ou poderiam ser.”⁶²

Além disso, o discurso não inclui apenas o que é dito, o que é vocalizado, mas também os gestos, expressões corporais, as pausas, as ausências, as respostas tácitas, os sentidos mudos.⁶³

Desta forma, o discurso é de grande importância, pois mostra naquilo que é dito e não dito, como os sujeitos pensam e representam sobre determinados temas. Seguindo tais perspectivas e aliando-nos aos

pressupostos trazidos pelos autores mencionados, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de professores de educação infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola.

3.1 Caracterizando o Campo

O Instituto Educacional Professora Maria do Carmo Arruda Toledo, conhecido como *Instituto Educacional Dona Carminha*, foi fundado em 27 de outubro de 1976 na cidade de Campinas, como uma associação sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural e social, devidamente registrado nos órgãos federais, estaduais e municipais.

É finalidade do Instituto em questão, segundo estatuto social, prestar serviços educacionais e culturais visando o desenvolvimento social e a promoção humana, prioritariamente de crianças e adolescentes, visando também a inclusão social. O Instituto Educacional Dona Carminha é uma entidade filiada a FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas - Fundação Odila e Lafayette Álvaro) a qual oferece assessoria técnica, política, administrativa e financeira para as entidades sem fins lucrativos do município de Campinas que atuam nas áreas da Assistência Social, Educação e Saúde.

O Instituto Dona Carminha, foi fundado em 27 de outubro de 1976, inicialmente com o nome de CADAFA (Círculo de Amigos dos Deficientes da Audição e da Fala) pela professora Maria do Carmo de Arruda Toledo, que por ter uma filha surda lutou para que outros pais tivessem a possibilidade de reabilitar seus filhos. Maria do Carmo buscou atendimento e reabilitação para sua filha na cidade de Campinas, não encontrando serviços específicos na área, mudou-se para São Paulo onde conseguiu atendimento no Instituto Santa Terezinha, instituição particular e tradicional na reabilitação de surdos. Mesmo sua filha tendo a possibilidade de atendimento em um dos melhores locais em São Paulo, Maria do Carmo se preocupava com aqueles pais que não possuíam condições financeiras para proporcionar um tratamento de qualidade para seus filhos.

Em 1965, quando já estava aposentada a então professora buscou recursos financeiros para a criação de uma entidade que não deixasse o deficiente a margem da sociedade. Com apoio da diretoria do Instituto Terapêutico Anne Sullivan, conseguiu a abertura de uma sala de aula para crianças surdas. Em 1978 Maria do Carmo conseguiu recursos financeiros e fundou então o “Centro de Áudio Comunicação CADAF”, conseguiu também uma sala de aula no Instituto Dom Nery para educação de surdos, seu filho que era dentista e havia desistido da profissão para se dedicar a medicina, cedeu seu consultório, que foi utilizado para as primeiras terapias fonoaudiológicas realizadas por sua esposa, que era fonoaudióloga. Em 1979, o CADAF contava com duas salas de aula no Instituto Dom Nery, podendo desta forma, centralizar os atendimentos em um só local.

A meta do CADAF era possibilitar que crianças surdas pudessem se comunicar oralmente, seguindo a abordagem vigente na época, conseguindo assim uma colocação profissional quando adultos. Buscava então aproveitar ao máximo o resíduo auditivo da criança surda, através da utilização de aparelhos de amplificação sonora individual- AASI, e desta forma, possibilitar que a criança crescesse aprendendo a ouvir e a falar, integrando-se na sociedade ouvinte.

O oralismo, abordagem vigente na época, tinha por objetivo o apagamento da surdez, o sujeito surdo deveria se adaptar ao mundo ouvinte e aprender a linguagem oral. As mães interessadas no trabalho realizado procuravam o serviço, as crianças eram então avaliadas pela fonoaudióloga e pelos médicos voluntários e após as avaliações a criança era inserida em uma das turmas da escola para iniciar o aprendizado. Tal trabalho obteve tantos adeptos que chegou a ter uma fila de espera de mais de quarenta crianças na época. Outra luta da professora Maria do Carmo era conseguir a doação de um terreno no qual a sede da entidade pudesse ser construída.

Através do decreto municipal de nº 6.856 de 12 de Dezembro de 1981, do prefeito Dr. Francisco Amaral, a entidade conseguiu permissão para utilização do terreno na Vila Lemos, pelo prazo de três anos e a lei municipal nº 5.842, de 13 de Outubro de 1987, publicada em 14 de Agosto de 1987, cedeu

definitivamente o terreno ao CADAFA, pela gestão do prefeito Magalhães Teixeira.

Em 1992, o CADAFA contava com sete salas, sendo uma de estimulação precoce para crianças de 4 a 5 anos, uma pré-escola e cinco de primeiro grau. A entidade contava com setor de fonoaudiologia composto por três fonoaudiólogas e uma coordenadora, uma psicóloga e uma assistente social. Inicialmente as atividades do Instituto supracitado eram direcionadas somente ao atendimento de crianças surdas, residentes na cidade de Campinas e região, oferecendo aos usuários atendimento educacional especializado, terapia fonoaudiológica no contra turno escolar, além de outros projetos como: aula de dança flamenca e educação física adaptada, através de professoras voluntárias.

Até 2010 o Instituto Dona Carminha era uma escola exclusivamente voltada à educação especial de crianças e adolescentes surdos, usuários de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), contava com três professoras bilíngues, responsáveis por cinco salas de aula, três no período matutino e duas no vespertino, tal programa era mantido com verba do Estado de São Paulo e também, por meio de festas e doações destinadas à entidade. Além de promover atividades fonoaudiológicas com os usuários da entidade o Setor de Fonoaudiologia, através de uma iniciativa própria, abriu no mesmo período, o programa “Língua Ativa” no qual atendia clinicamente crianças e adolescentes ouvintes com queixas de linguagem oral e/ou escrita. Tal programa teve grande adesão, tendo em vista o número reduzido de fonoaudiólogos na rede pública de saúde e as longas filas de espera para atendimento. Até 2013 o programa funcionou com verba da própria entidade, chegando a atender cerca de 120 crianças e adolescentes da comunidade, buscou-se o co-financiamento junto à Secretaria de Saúde da cidade de Campinas, no entanto, diante da negativa de financiamento o programa foi fechado e os usuários foram encaminhados aos demais serviços de saúde da região.

Com o movimento de inclusão de grande parte das crianças e adolescentes surdos na rede pública de ensino, houve a necessidade de uma expansão das atividades do presente Instituto, assim, através de um contato

direto com a comunidade foi possível observar a situação de vulnerabilidade que a população da região se encontrava, além da escassez de creches e escolas de educação infantil.

Desta forma, foi realizado um projeto junto a Prefeitura Municipal de Campinas, voltado à educação inclusiva de crianças na faixa etária de 2 a 5 anos de idade em período integral, auxiliando desta maneira na inclusão das mães de tais crianças no mercado de trabalho, possibilitando assim a melhora da condição social de tais famílias.

O projeto teve início em 2011 e com aproximadamente 66 crianças, surdas e ouvintes, divididas em dois agrupamentos em período integral. Em 2012 este leque de atendimentos foi ampliado chegando a contemplar 133 crianças. Atualmente o Instituto Dona Carminha conta com 320 crianças matriculadas, na faixa etária de 2 a 5 anos de idade, surdas, ouvintes e/ou usuárias de implante coclear, divididas em dez agrupamentos todos em período integral. Atualmente a equipe pedagógica é formada por 6 professoras, uma pedagoga de educação especial e 22 monitoras. Cada agrupamento conta com uma professora e pelo menos duas monitoras em sala de aula.

Permeando este contexto o setor de Fonoaudiologia atua dentro da entidade no programa de Educação Especial, realizando atividades em sala de aula em parceria com a professora e atendimento clínico terapêutico no contra turno escolar. Participam deste programa as crianças surdas e implantadas matriculadas no programa de Educação Especial do Instituto. Há também o atendimento clínico à crianças e adolescentes surdos e/ou implantados, que já estão inseridos na rede regular de ensino. O setor atende, portanto, um público diversificado, variando desde a educação infantil até o nível médio.

No programa de Educação Infantil o setor de fonoaudiologia atua de forma preventiva, buscando ações de promoção de saúde, seguindo a resolução do Conselho Federal de Fonoaudiologia⁵ que propõe que o fonoaudiólogo tenha como objetivo de trabalho:

“[...] promoção, aprimoramento e prevenção de alterações relacionadas à audição, linguagem (oral e

escrita), motricidade oral e voz, visando favorecer e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem.”

O Conselho Regional de Fonoaudiologia- 2ª região⁹ indica que o fonoaudiólogo no contexto escolar pode desenvolver ações de consultoria, formação e assessoria, descrevendo-as como segue abaixo:

“Na função de consultor, o profissional inicialmente examina a demanda da equipe que atua na escola [...] e defini com e [...] as estratégias que poderão fazer parte dos procedimentos cabíveis. Sequencialmente poderá surgir a exigência de uma ação formativa e/ou de assessoria. A formação é realizada de acordo com a necessidade de atores sociais envolvidos com a escola de conhecer aspectos relacionados à Fonoaudiologia. Em relação à acessória, o fonoaudiólogo pode auxiliar/apoiar, a partir de seu conhecimento especializado em um determinado assunto, devendo permitir a construção de ações voltadas à demanda escolar.”⁹

Desta forma, são realizadas atividades semanais em sala de aula, nas quais o fonoaudiólogo e o professor desenvolvem uma atividade baseada em um tema, abordando questões referentes como: audição, linguagem oral, motricidade orofacial e voz. Todas as atividades propostas são pensadas juntamente com as professoras levando em conta o planejamento pedagógico e faixa etária de cada agrupamento.

Em paralelo ao trabalho realizado em sala de aula, são ministrados palestras e cursos, destinados às professoras e monitoras, a participação é voluntária e os temas abordados são: Desenvolvimento da linguagem oral, Audição e Motricidade Orofacial. Também destinado às profissionais, uma vez por ano ocorre no Instituto o “*Programa de Saúde Vocal*” sendo composto por um ciclo de palestras ministradas uma vez por mês, com enfoque no conhecimento a respeito da produção vocal e os cuidados necessários com esta que é a ferramenta de trabalho de tais profissionais. As profissionais que

participam de tal programa e que apresentam alguma alteração e/ou queixa vocal são encaminhadas para avaliação e conduta com médico otorrinolaringologista do convênio médico, caso tenham, ou ao Programa de Pronto Atendimento Vocal (PAV-UNICAMP).

Sabendo que ações de prevenção e promoção de saúde não devem estar restritas ao ambiente escolar, os pais dos alunos matriculados no Instituto Dona Carminha, recebem periodicamente folhetos informativos, através do caderno de recados das crianças. Abordando temas como: uso da chupeta e mamadeira, gagueira infantil, cuidados com a audição das crianças, entre outros. Sendo realizadas também orientações, em grupo através de palestras educativas e/ou individualmente com horários pré-agendados, abordando temas como: hábitos deletérios, saúde auditiva, desenvolvimento da linguagem oral, gagueira infantil entre outros. Além disso, as crianças que apresentam alterações e/ou queixas auditivas, de linguagem oral são encaminhadas aos profissionais de saúde, via centro de saúde ou pelo convênio médico da família, tendo em vista que o Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) veta o atendimento clínico em ambiente escolar.

Além disso, o Instituto procura realizar parcerias com empresas públicas e privadas da região a fim de desenvolver projetos voltados às crianças e à comunidade em que está inserido. Alguns exemplos são parcerias firmadas com: Brasil Kirin, Sanasa e Embaixadores da Prevenção. É disponibilizado também o acesso à estudantes das áreas de fonoaudiologia e/ou pedagogia para visitação, estágios de observação e coleta de dados para teses de mestrado e/ou doutorado.

Desta forma, escolhi o Instituto Dona Carminha para ser campo de pesquisa do meu projeto de mestrado no programa em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação, tendo o aceite da diretoria para a realização do estudo.

2. OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção de professores de educação infantil a respeito da atuação do fonoaudiólogo dentro da escola.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender a visão dos professores sobre os benefícios da inserção do fonoaudiólogo na educação infantil e o entendimento dos mesmos sobre o desenvolvimento da linguagem.
2. Compreender a visão de professores sobre o trabalho em parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia.

4. Método

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa- CEP da Faculdade de Ciências Médicas FCM-UNICAMP, sob o parecer de número 736.939.

Luna⁶⁴ refere que a pesquisa é uma atividade de investigação que fornece e também produz um novo conhecimento a respeito de uma área e/ou fenômeno, sistematizando-o com relação àquilo que já se conhece. Toda pesquisa deve preencher três requisitos básicos:

- 1)- A existência de questionamento ou hipótese sobre determinado tema.
- 2)- Elaboração de um método que permita responder às perguntas de forma adequada.
- 3)- Inter-relação entre entrevistador e entrevistado para criação de vínculo, buscando assim dados fidedignos para a pesquisa.

Nos anos 80 a pesquisa qualitativa consolidou-se no campo das Ciências Sociais, sendo uma proposta metodológica alternativa, no entanto muitos autores ainda discutiam sobre as diferenças entre a tradicional pesquisa quantitativa e a considerada “nova moda”, a pesquisa qualitativa.⁶⁵

Segundo Neves⁶⁵ a pesquisa qualitativa era criticada, pois apresentava um número restrito de casos tratados, ausência de variáveis quantitativas e de amostra organizada segundo o princípio da aleatoriedade, além da falta da análise estatística para os dados coletados.

A pesquisa qualitativa responde a perguntas particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificada. A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, ações e das relações humanas.⁶⁶ Nela o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, seu principal instrumento, supõe assim o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente bem como com a situação que está sendo investigada. Os problemas são estudados no ambiente em que ocorrem naturalmente, sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.⁶⁷

Segundo Maanen⁶⁸, a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas de interpretação, que tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos acontecimentos do mundo social, reduzindo a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados e entre contexto e ação.

4.1. Coleta de Dados em pesquisa Qualitativa

Para realizar a coleta de dados utilizamos entrevistas, considerada por Cortes⁶⁹ como usuais nas pesquisas qualitativas.

Segundo Salvador^{*8}, a entrevista é um instrumento muito utilizado por pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e Psicológicas, através de entrevistas é possível obter dados que não puderam ser encontrados utilizando-se outras fontes como: registros e fontes documentais. Desta forma, tal técnica deve ser utilizada quando o pesquisador/entrevistador necessitar de respostas mais profundas a fim de validar sua pesquisa.

A entrevista como ferramenta para coleta de dados, não se trata apenas de um simples diálogo, mas sim, de uma discussão orientada para se alcançar

⁸ Salvador AD. Métodos e técnicas de pesquisas bibliográficas: elaboração de trabalho científicos. 8. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. *Apud* (⁷⁰)

um objetivo definido, a qual leva o informante a dissertar sobre o tema em questão.⁷⁰

“A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo.”⁷⁰

A entrevista é largamente utilizada para obtenção de informações discursivas não documentadas e o questionário é seu elemento auxiliar. Segundo Minayo⁶⁶ as entrevistas podem ser: abertas, estruturadas, semiestruturadas, através de grupos focais e histórias de vida.

Na entrevista aberta o entrevistado aborda livremente o tema proposto, quase que sem interferência do entrevistador. A entrevista estruturada é elaborada mediante um questionário com perguntas previamente formuladas, tendo o cuidado para não fugir das mesmas. A entrevista através de grupos focais ocorre em pequenos grupos em que um animador realiza pequenas intervenções ao longo das discussões a fim de interagir com o grupo e coordenar a discussão. Na entrevista de história de vida busca-se a compreensão da realidade, retratando experiências vividas, bem como definições fornecidas por pessoas, organizações ou grupos.

No presente estudo foi utilizada como ferramenta de pesquisa a entrevista semiestruturada, na qual as perguntas são formuladas de forma que o entrevistado possa discorrer sobre o tema apresentado, expressando suas ideias, pensamentos, vivências e reflexões. Para isso utiliza-se um roteiro com questões abertas e fechadas, apoiada em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, a qual irá nortear a entrevista.

4.2 Tratamento dos Dados em Pesquisa Qualitativa

Para tratamento dos dados coletados através das entrevistas foi utilizada a Análise de Conteúdo. Este tipo de análise é um método muito utilizado para o

tratamento de dados qualitativos, compreendido como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.⁷¹

A análise do conteúdo foi criada inicialmente como uma técnica de pesquisa buscando uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa de comunicações em jornais, revistas, filmes, emissoras de rádio e televisão, hoje é cada vez mais empregada para análise de material qualitativo obtido através de entrevistas de pesquisa.⁷²

Segundo Bardin⁷³, a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

4.3 Instrumento e Procedimento

4.3.1 Entrevistas

A coleta de dados foi autorizada pela diretora da Instituição (Apêndice 1), antes de dar início a coleta de dados propriamente dita foram realizadas duas entrevistas pré-testes com uma população semelhante a estudada, buscando acertar as arestas e verificar se o roteiro de pesquisa estava adequado ao objetivo do projeto. Após a realização do pré-teste, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade das professoras, utilizando para isso uma sala do Instituto Dona Carminha. Foram realizadas 7 entrevistas semiestruturadas, sendo que destas seis foram com professoras e uma com a pedagoga de educação especial, do programa de Educação Infantil do Instituto Educacional Professora Maria do Carmo Arruda Toledo – Dona Carminha, situado na cidade de Campinas.

Antes de dar início a coleta de dados, elaborou-se um roteiro para a entrevista semiestruturada, buscando especificar aquilo que se desejaria coletar. (Apêndice 2)

Após o aceite das professoras e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada uma. As entrevistas foram realizadas em uma das salas do setor de fonoaudiologia da Instituição com duração de aproximadamente uma hora cada.

Foram realizadas 6 entrevistas no período de Outubro a Dezembro de 2014 e uma entrevista foi realizada em Maio de 2015. As entrevistas realizadas foram áudio gravadas através do gravador de som contido no notebook Samsung RV411.

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas, literalmente, compondo assim o corpus do trabalho.

4.4 Participantes do Estudo

Os participantes do estudo são professoras do programa de educação infantil do Instituto Educacional Professora Maria do Carmo de Arruda Toledo – Dona Carminha, localizado na região de Campinas. O critério adotado para seleção dos participantes foi que as professoras deveriam lecionar no programa de educação infantil do referido Instituto durante a execução da pesquisa.

O programa de educação infantil do Instituto Dona Carminha é constituído por 10 agrupamentos com crianças na faixa etária de 2 a 5 anos de idade, cada agrupamento conta em média com 32 crianças que permanecem no Instituto em período integral, lecionam em tal programa 6 pedagogas com idades entre 27 a 46 anos, sendo que 4 delas atuam em período integral, no programa há também uma pedagoga de educação especial que também foi convidada a participar do estudo.

Foi realizada uma breve explanação sobre os objetivos do estudo e após o aceite das professoras através da assinatura do TCLE (Anexo1) - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Todas as professoras foram convidadas a participar do estudo, no entanto uma professora, mesmo após o

aceite e assinatura do termo optou por não participar da pesquisa. Uma das participantes estava grávida e entrou em licença maternidade no decorrer do estudo, desta forma, a professora contratada para substituí-la também foi convidada a participar da pesquisa.

Desta forma, participaram do estudo 6 professoras do programa de educação infantil e uma pedagoga de educação especial que integra o mesmo programa.

A professora número 1 foi contratada para substituir a professora número 7, que entrou em licença maternidade, no momento em que a entrevista foi realizada, a mesma estava há um mês no instituto e lecionava no agrupamento III com crianças de três a quatro anos, a professora já atuava na área há três anos e no momento estava lecionando no referido Instituto e em uma 'Nave Mãe' também na cidade de Campinas, além disso, cursava o curso de pós-graduação em Psicopedagogia.

A professora número 2 cursou pedagogia através de uma oportunidade que surgiu em seu antigo trabalho, creche infantil, em que atuava como monitora. Iniciou o trabalho no Instituto Dona Carminha também na função de monitora, ao se formar como pedagoga recebeu a oportunidade de lecionar em um agrupamento II, com crianças na faixa etária de dois anos, permanecendo no Instituto no período matutino. Depois de alguns meses foi convidada a substituir a professora número 7, que entrou em licença maternidade, desta forma, passou a atuar em período integral até que a mesma retornasse, lecionando também em um agrupamento III, com crianças de três a quatro anos de idade.

A professora número 3 cursou o magistério e posteriormente o curso de graduação em pedagogia, atuou por dezessete anos em uma instituição que atende crianças e adolescentes surdos e com algum acometimento neurológico, é fluente em Libras e começou a trabalhar no Instituto Dona Carminha atuando no programa de educação especial, permanecendo no mesmo por um ano. Quando o programa de educação infantil foi fundado a professora passou a integrá-lo, a professora leciona em período integral em dois agrupamentos com crianças de três anos e meio a quatro anos de idade.

A professora número 4 havia cursado o magistério, posteriormente fez o curso de graduação em educação física, no entanto, nunca exerceu a profissão, realizou também a graduação em pedagogia e já leciona há vinte e dois anos. Anteriormente trabalhou em uma escola particular da cidade de Campinas e desde a abertura do programa de educação infantil em 2011 leciona no Instituto Dona Carminha no período matutino, atuando em um agrupamento III com crianças de quatro a cinco anos de idade.

A professora número 5 é pedagoga de educação especial, tem habilitação em surdez, é fluente em Libras e também cursou pós-graduação em psicopedagogia. Trabalha no programa de educação infantil há dois anos, realizando o atendimento pedagógico de crianças surdas e/ou implantadas e ministrando o curso de Libras para pais e funcionários. Anteriormente trabalhou em outra Instituição que também atua com crianças surdas e implantadas da região de Campinas.

A professora número 6 cursou o magistério e posteriormente o curso de graduação em pedagogia, trabalhou na mesma escola particular que a entrevistada número 4 e 7 e passou a integrar o programa de educação infantil do Instituto Dona Carminha em 2011, atuando em período integral com dois agrupamentos II com crianças na faixa etária de dois anos.

A professora número 7 cursou pedagogia, também atuou na mesma escola particular junto com as professoras 4 e 6. Trabalha no Instituto há dois anos e teve conhecimento do Instituto através do Curso de Saúde Vocal ministrado anualmente pelo setor de fonoaudiologia, após o curso foi convidada a integrar a equipe do programa de educação infantil, atuando em período integral e possui dois agrupamentos III com crianças de quatro a cinco anos de idade.

Na tabela 1 estão representados os sujeitos da pesquisa:

Sujeito	Idade	Formação	Tempo de atuação	Tempo de atuação no Instituto no momento da

				entrevista
1	27 anos	Pedagogia – Pós Graduação em Psicopedagogia (não concluída)	3 anos	1 mês
2	37 anos	Pedagogia	3 anos	1 ano
3	46 anos	Magistério; Pedagogia	21 anos	3 anos
4	41 anos	Magistério; Educação Física e Pedagogia	22 anos	3 anos
5	33 anos	Pedagogia com habilitação em surdez; Pós Graduação em Psicopedagogia	14 anos	2 anos
6	41 anos	Magistério e Pedagogia	26 anos	3 anos
7	37 anos	Magistério e Pedagogia	14 anos	2 anos

Tabela 1- Sujeitos da pesquisa

4.5 Análise dos Resultados

Para o tratamento dos dados obtidos foi utilizada a análise de conteúdo, segundo Bardin⁷⁴, é possível trabalhar com uma coletânea reduzida de dados (*corpus*), possibilitando estabelecer categorias levando em consideração também sua relevância para o trabalho, além da frequência de determinado item.

Ainda segundo o autor a análise de conteúdo foi realizada em três fases, sendo elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação. Sendo assim, de início, foram

recolhidas as transcrições das sete entrevistas, e feita uma leitura exaustiva das mesmas, buscando organizá-las por categorias, de acordo com a relevância para o estudo, tendo o cuidado de classificá-las em apenas uma.

Após esta etapa chegou-se a quatro categorias, sendo elas: ***Conhecimento prévio da área, Quem é o fonoaudiólogo, Encaminhamentos realizados ao fonoaudiólogo e Parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia.***

5. Resultado e Discussão dos dados obtidos

Neste capítulo focalizo as narrativas das professoras da educação infantil e seus relatos sobre como concebem o trabalho da fonoaudiologia no espaço escolar. Nesses relatos percebe-se o posicionamento das professoras em relação ao trabalho fonoaudiológico, as parcerias possíveis e, também, como veem o desenvolvimento da linguagem na faixa etária de dois a cinco anos de idade. Meu objetivo com este trabalho é desvelar como é percebido, por meio das vozes de tais professoras, nuances a respeito da identidade do profissional fonoaudiólogo e os desdobramentos dessa visão em relação ao trabalho desenvolvido por ele no espaço escolar. A análise que apresento na sequência tem como base, então, os registros das falas das professoras a partir das entrevistas semiestruturadas.

Considero, portanto, que o(s) posicionamento(s) das professoras da educação infantil em relação à fonoaudiologia e seus saberes e fazeres serão determinadas pela maneira como o profissional é visto dentro da escola.

Conhecimento prévio da área

Nas entrevistas ao serem questionadas a respeito do trabalho do fonoaudiólogo, foi possível observar que as participantes do estudo apresentam um conhecimento superficial a respeito do profissional em questão, algumas obtiveram maior conhecimento devido ao trabalho realizado pelas fonoaudiólogas dentro da Instituição em que a pesquisa foi realizada.

Durante as entrevistas as professoras foram questionadas em relação ao fazer fonoaudiológico e se tinham adquirido informações sobre essa profissão ao longo de sua graduação. Diante da negativa, explicitamos se haviam participado ao menos de palestras, minicursos que abordassem o desenvolvimento da linguagem, bem como se tal tema foi tratado por um fonoaudiólogo. As entrevistadas relataram que em algum momento da graduação receberam informações a respeito do desenvolvimento da linguagem, mas que o trabalho fonoaudiológico não foi mencionado, nem mesmo quando o tema das palestras ou aulas versava sobre a área de educação de surdos e a utilização da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Professora 1

[...] a de linguagem não entrou em momento algum [da minha formação] o trabalhar com a voz [também não], foi só mesmo com o letramento, com o alfabetizar, até nas artes, que tem uma grade que é expressão facial falou da voz no teatro, mas não em como cuidar da voz. [...] E na faculdade foram quatro anos não teve nenhuma parceria com o especialista a não ser com a psicologia, por conta da pós.

As considerações feitas pela professora 1 na verdade, mostra a maneira como é conduzida a formação dos diferentes profissionais e, também, que cada formação preocupa-se apenas com aquilo que é de sua esfera, condizente com o modelo de racionalização dos currículos, em que os saberes são cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos como se fosse uma fábrica em que cada setor se ocupa apenas de uma finalidade, especificando seus objetos de estudo.⁷⁵

A professora destaca ainda, que quando teve aula de artes na graduação, o profissional fonoaudiólogo não foi mencionado em nenhum momento, mesmo sendo a voz um aspecto importante na área da performance artística e campo de atuação do fonoaudiólogo. Em sua fala também é possível perceber que o fonoaudiólogo aparece no papel de especialista assim como o psicólogo.

Nos excertos abaixo as professoras referem terem obtido durante sua graduação, informações sobre a surdez. A professora 3 cursou o magistério e trabalhou por dezessete anos em uma instituição que atendia pessoas com surdez, posteriormente cursou pedagogia e durante sua graduação teve informações sobre a surdez, no entanto em sua opinião tais conhecimentos não agregaram um conhecimento maior ao seu aprendizado e sua prática, como podemos ler abaixo:

Professora 3

Porque quando eu fiz o curso de pedagogia tinha uma matéria de surdez, mas nossa era muito simples pra mim que já tinha uma bagagem chegava a ser ridículo era quase uma coisa de senso comum que não ajudava ninguém.

Já a professora 6 cursou o magistério e posteriormente o curso de graduação em pedagogia. No momento de sua graduação a Educação Especial era uma habilitação específica no curso de Pedagogia, voltada às deficiências, sendo assim a mesma refere que não teve conhecimentos sobre a surdez e o trabalho pedagógico realizado com este sujeito. Essa professora refere, também, à falta de formação em sua graduação para o trabalho com alunos surdos o que mostra, mais uma vez, que a formação em geral se ocupa com assuntos gerais e com teorias que por vezes não ajudarão sua prática posteriormente, não dando conta da realidade que o professor terá em sala de aula, mais tarde.

Professora 6

É que nem eu falei com você, na minha formação eu não tive isso, eu não tive isso na minha formação. [sobre trabalhar com aluno surdo]

A professora 5 ao longo de sua formação optou pela área de habilitação em surdez, e acredita que hoje apesar de todos os alunos de graduação em pedagogia terem conhecimento sobre as diversas deficiências, este é transmitido de forma superficial, o que não garante um trabalho efetivo em sala

de aula quando o professor se depara com um aluno com necessidades especiais, enfatizando a complexidade do aprendizado do aluno surdo e a utilização da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS pelo professor.

Professora 5

[...] por enquanto ainda é muito superficial, só passado assim, eu acho que do que são... um semestre? Algumas faculdades ainda dão uma deficiência por semestre e mesmo assim é pouco né? [...] então é muito superficial [elas dizem] “-Ah, eu já ouvi falar” ou “-Ah, libras? Ah, mais ou menos, alguns sinais básicos”, então eu acho que isso [refere como um problema do professor não saber lidar com a criança surda em sala de aula] vem realmente da formação.

Observem que nenhuma das professoras 3, 5 e 6 relacionam o trabalho do fonoaudiólogo com crianças surdas e a utilização da LIBRAS, o que nos faz pensar que o papel deste profissional em relação à surdez esteja marcado apenas pelo trabalho com a linguagem oral. Isso ocorre porque não há nenhuma discussão nos cursos de formação sobre a realidade das escolas, sobre a questão da inclusão bem como os diversos profissionais que podem atuar com essa criança e sobre a diversidade da sala de aula. Se não há menção à diferença não poderia haver menção a outros profissionais que se ocupam dessas diferenças. Por essa razão o profissional da fonoaudiologia não é mencionado na formação dos professores. Nos cursos de graduação em pedagogia, há uma preparação para o trabalho com o aluno ideal e não com o real. Uma das consequências disso é o fato de o professor achar que todos os alunos que estarão na sua futura sala de aula serão aqueles de que trata os livros, ou seja, alunos idealizados.

Por essa razão, os professores recebem, ao longo de sua graduação, conhecimentos referentes ao desenvolvimento da linguagem, como afirmam as professoras 4 e 7 que referem que obtiveram tais conhecimentos, no entanto de forma básica.

Professora 4

Ah sim [na minha formação], da audição eu não me lembro, mas da linguagem sim. A gente aprende algumas coisas, mas é muito pouco.

Professora 7

Sim, mas fica bem restrito é mais o profissional que tem que procurar, eu acho que fica bem no papel mesmo. [...] na graduação, o que a gente estuda é um pouquinho, pincela mesmo, mas não a forma a fundo, isso não.

A professora 6 coloca que foi por meio da participação em palestras e mini cursos promovidos pelo local em que trabalham agora, após seu período formal de graduação, é que obtiveram maiores informações sobre o desenvolvimento da linguagem, sobre questões referentes à audição e até ao trabalho fonoaudiológico em si, como podemos observar no excerto abaixo:

Professora 6

Agora aqui na Dona Carminha a gente teve vários cursos então a gente sabe que a fono pode atuar de forma preventiva, mas foi aqui que a gente aprendeu, que não é primeiro só surgir algum problema de fala na criança, não, é assim, a fono escolar pode prevenir né?

Observando a fala da professora podemos relacionar com o que afirma Zorzi⁷⁶ de que quando o professor apresenta conhecimentos sobre o desenvolvimento de linguagem, fala e das habilidades auditivas, o mesmo consegue mobilizar estratégias que auxiliem a aprendizagem dos alunos, promovendo também atividades para que suas potencialidades se desenvolvam ao máximo e a aprendizagem seja favorecida.

Quem é o fonoaudiólogo?

Ao longo das entrevistas com as participantes algumas falas me chamaram a atenção, buscando compreender qual o local ocupado pelo fonoaudiólogo nos discursos destas profissionais, abaixo trago algumas recortes que me chamaram a atenção ao longo da transcrição.

“Nunca tinha ouvido falar” [Professora1]

“Eu sabia que trabalhava com a fala né?! Porque minha irmã gaguejava de vez em quando, era criança e indicaram, pediram pra minha mãe levar.”

[Professora 2]

“[...] eu imaginava o profissional sempre ligado a área da surdez.”

[Professora 3]

“Bom, de início eu achei estranho, como eu já disse, mas depois com o “andar da carruagem” eu percebi que era um trabalho com os profissionais também.”

[Professora 4]

“[...] a primeira visita a fono fazia orientação do uso do aparelho.” [Professora 5]

“[...] se não tivesse [fonoaudiólogo na escola] eu estaria perdida [...] mesmo com as implantadas [crianças com implante coclear] é bom sempre ter a orientação de como a gente ensina, o que fazer, como falar, então é muito importante.” [Professora 6]

“Trabalha na área da audição e da fala, mais coisas eu não sei não.”

[Professora 7]

Quem é o fonoaudiólogo? Percebe-se nas falas de todas as professoras citadas acima que o fonoaudiólogo é um profissional desconhecido, ou que trabalha com a audição, com a fala, ou ainda o profissional que vai auxiliar no trabalho com o aluno surdo, mas que também pode exercer seu papel junto aos profissionais da escola, não só com os alunos que apresentam alguma dificuldade.

Para responder a essa distância entre a clínica e a escola Giroto¹⁴ coloca que para que se possa atingir sucesso das práticas fonoaudiológicas dentro da escola, faz-se necessária uma melhor compreensão do seu trabalho por parte da equipe escolar, principalmente por parte do professor, garantindo assim uma atuação integrada e cooperativa em busca da promoção da saúde e da aprendizagem dos alunos.

Ao analisar os excertos desta categoria, pude observar que todas as participantes referiram ligação entre a fonoaudiologia com o uso da voz. A voz é uma das áreas de especialidade da fonoaudiologia, determinada pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia.

A voz é um importante instrumento de trabalho para diversos profissionais como: operadores de telemarketing, jornalistas, radialistas, vendedores, atores, cantores e também professores. Sem uma voz adequada é praticamente impossível realizar um bom trabalho como afirmam os autores Penteado e Bicudo-Pereira⁷⁷:

“A voz se faz presente nos processos de socialização humana, como um dos componentes da linguagem oral e da relação interpessoal, produzindo impactos na qualidade de vida dos sujeitos, especialmente daqueles que fazem o uso da voz falada e/ou cantada em sua profissão”. 77

Professores de educação infantil possuem uma intensa jornada de trabalho, as crianças nesta faixa etária gritam com maior frequência em sala de

aula, além disso, são práticas comuns no dia-a-dia escolar: brincadeiras ao ar livre, contação de histórias, cantigas, realização de teatros. Desta forma, é necessário que o professor tenha uma boa impostação vocal para chamar a atenção dos alunos nas brincadeiras e também para transmitir conhecimentos.

Além das longas jornadas de trabalho, o professor muitas vezes esses professores trabalham em locais com agravantes a saúde vocal como: a presença de ruído excessivo, salas com acústica inadequada, poeira, mofo, ventilador ou ar condicionado que pode influenciar de forma negativa no uso da voz. Desta forma, muitos professores apresentam algum grau de disfonia ao longo de sua carreira, sendo que alguns chegam a desenvolver lesões nas pregas vocais e acabam afastando-se de suas atividades profissionais.

As autoras Dragone e Behlau⁷⁸ afirmam que os professores compõem uma classe profissional que está exposta a diversos fatores de risco, alguns deles de difícil solução, pois trazem situações complexas e interdependentes do trabalho. Nos excertos abaixo as professoras relacionam o trabalho do fonoaudiólogo com o uso da voz, ou seja, com uma área da saúde.

Todas as professoras referem que o fonoaudiólogo é aquele que trabalha com a voz, a professora 1 enfatiza ainda, que para ela, esta é a única forma de atuação por parte deste profissional. Já as professoras 1 e 3 colocam que ao se depararem com o fonoaudiólogo dentro da escola, tal fato provocou um estranhamento, pois para elas o local de atuação deste profissional seria o hospital e não a escola. A professora 3 refere que “[como] *se um médico tivesse aqui no nosso meio*” o que reforça a visão de que este profissional atua exclusivamente na área da saúde. As professoras 1, 2 e 3 afirmam ainda, que receber orientações sobre a saúde vocal impactou de forma positiva em suas atuações, e no conhecimento do próprio corpo, a professora 1 coloca que pôde criar novos hábitos como o de tomar maiores quantidades de água durante suas atividades em sala de aula e a evitar alguns comportamentos abusivos, a professora 2 reflete que após ter adquirido tais conhecimentos não apresentou mais queixas vocais, o que antes acontecia com frequência.

A professora 4 afirma como sendo importante o conhecimento transmitido pelo fonoaudiólogo em práticas utilizadas em sala de aula, como:

impostação vocal, aquecimento das pregas vocais e a entonação correta da voz. Já as professoras 6 e 7 colocam que a atividade profissional exige muito da voz, a professora 6 relaciona este uso excessivo às condições de trabalho, quando refere sobre o número elevado de crianças em sala de aula e que para chamar a atenção o professor precisa elevar seu tom de voz. A professora 7 menciona que apresentou queixas vocais logo quando entrou no Instituto, devido ao aumento no número de crianças em sala de aula, mas que com os conhecimentos adquiridos no curso de saúde vocal, pôde compreender o porquê de suas queixas vocais e assim, procurar atendimento clínico fora da instituição.

Professora 1

Tenho referência da fono só com a voz mesmo.[...]Eu fiquei em dúvida, o que será que ela vai fazer com as crianças? Ai eu lembrei que a fonoaudióloga da voz, mas ainda não me conformava o que você iria fazer [...] Porque eu tenho a visão do hospital, então o que será que ela vai fazer, se não tem nenhum lesionado da garganta? Fiquei assim com o ponto de interrogação. Foi novidade e um susto! Eu tive essa relação com hospital mesmo. [...] A água eu bebia por beber, agora eu bebo obrigada mesmo, eu me policio a andar com a garrafinha, eu não fico sem [...] Eu comprei garrafinha, mudou minha vida [...] e o exercício da prega vocal que não é todo dia que eu faço, mas contribuiu sim, não tive mais problema com a voz. [...] Porque desgasta muito [falando da voz]. Depois que eu te conheci [conheceu a fonoaudióloga] eu vi que tem coisa que dá pra ser evitada com o curso, com palestra, coisinha simples [...] e todos os professores que não iam trabalhar porque estavam sem voz, não tinham esse conhecimento.

Professora 2

Enriqueceu mais que eu aprendi a preservar mais a minha voz, não só no trabalho, mas em casa, porque no trabalho eu não grito, mas em casa eu grito. Hoje em dia já não grito mais e também não consigo ficar perto de pessoas que gritam o tempo todo. [...] Foi muito bom, porque eu aprendi técnicas pra

ajudar no meu dia-a-dia [...]. Eu cheguei a ficar sem falar [...] às vezes eu ficava sem falar e também não podia tomar muito gelado ou se eu forçava muito a fala já sumia, hoje em dia já não.

Professora 3

[...] Que ensina a usar a voz, os exercícios que a gente deve fazer, o aquecimento, o desaquecimento, o uso correto, quando está com algum problema, então assim, a gente passou a conhecer bem mais, até do próprio corpo, ouvido, garganta, tudo mais, pensar e cuidar mais. [...] É estranho é meio que se um médico tivesse aqui no nosso meio. Você fica assim: “- Nossa as profissionais de fono? O que elas fazem?”. Então acho que é interessante, seria muito interessante mini cursos, principalmente porque o profissional novo ele não tem toda essa preocupação com o uso da voz.

A professora 3 também enfatiza a importância de que novos profissionais (professores e monitores) inseridos no Instituto recebam tais conhecimentos sobre o uso da voz, pois ao iniciarem sua atuação em sala de aula muitos não tem preocupação com o uso da voz e podem cometer maiores abusos vocais no dia-a-dia.

Professora 4

[o fonoaudiólogo pode ajudar as crianças e] ajuda[ndo] a gente a como usar a voz. [...] como usar a voz, não gritar, não pigarrear que a gente faz isso né? O tom no contar a estória, eu aprendi isso também com vocês, [fonos] que a gente tem que tomar cuidado na mudança de voz, então assim, uma série de coisas como também aquecer as cordas vocais, tudo isso.

Professora 5

A voz né? A voz, trabalhar com a voz do professor, eu acho que até técnicas assim pra quando vai fazer leitura, trabalhar prosódia, eu acho que é bacana,

[...] eu acho que com o trabalho direto com o professor, com diretor, enfim, seria mais voltado pra voz. [...] muitos professores afastados por calo, se afasta, trata, depois passa pela perícia, se o perito aprovar ele volta a lecionar, mas muitos professores com rouquidão porque não cuidava da voz, grita o tempo todo, fala alto o tempo todo. [...] Principalmente na educação infantil, porque é uma gritaria o tempo todo. Porque a criança por si ela já é barulhenta, um barulho saudável, mas ela já é mais ruidosa que os adolescentes no caso, então o professor e monitor tem sempre que está falando mais alto.

Além do que já foi mencionado anteriormente pelas demais entrevistadas, a professora 5 acrescenta como sendo papel do fonoaudiólogo o trabalho com “técnicas” para a realização de uma boa leitura, bem como o trabalho com a prosódia, como se o fonoaudiólogo fosse promover um “treinamento” que auxiliasse o pedagogo em sua prática diária. Podemos pensar que tal afirmação está baseada na questão histórica em que a fonoaudiologia foi fundada, buscando sanar desvios e almejando padrões corretos de fala.

[O fonoaudiólogo pode atuar] com a própria área da linguagem né? Até aqui na educação infantil, [...] verificar a questão da linguagem. Essa criança está compreendendo?; Ela tem uma linha de raciocínio? Porque não é só a área da oralidade ou da escrita, enfim, a área da linguagem que vocês trabalham muito, que eu acho que é fundamental, principalmente aqui, na educação infantil, que é o que elas [professoras] também não conseguem, elas ficam tão na parte pedagógica, tão ali voltadas, que elas esquecem que tem uma linguagem, em como trabalhar essa linguagem, que eu acho que é o fundamental para que eles possam “deslanchar”, acho que essa área da linguagem é fundamental... como trabalharem.

Ao contrário das demais participantes a professora 5 refere também que além do trabalho realizado com a voz, o fonoaudiólogo trabalha na área da

linguagem e que muitas vezes, os professores, por se aterem apenas a parte pedagógica se esquecem, como a participante mesma refere, da própria linguagem e de como trabalhar com ela em sala de aula. Sobre esse aspecto as autoras Sebastião e Buccini⁵⁹ referem em seu trabalho que, muitas vezes, o desenvolvimento de linguagem da criança não transcorre de forma satisfatória devido a pouca valorização dos pais e dos professores, os quais não atuam ativamente no processo de aquisição da linguagem da criança, resultando em poucos momentos de interação e de diálogo entre eles em seu dia-a-dia. Para que a participação dos pais e dos professores seja efetiva neste processo, é necessário que eles conheçam o desenvolvimento da linguagem, incluindo situações dialógicas que contribuam com este processo no dia-a-dia da criança.

A professora menciona ainda, que do seu ponto de vista, as demais professoras da Instituição entendem o trabalho fonoaudiológico como algo clínico, mais voltado à área da saúde.

Eu acho que elas entendem [que o papel da fonoaudiologia na escola] é mais clínico. [...] elas não tem essa visão do que é fonoaudiologia [...] que elas entendem que é clínico, ou algum projeto específico ou está muito voltado pra audição.

Sobre essa temática Giroto et al⁷⁹, realizaram uma pesquisa com 36 professores de Educação Infantil a fim de analisar a visão de tais profissionais sobre a atuação fonoaudiológica em escolas. Do total avaliado 29 professores referiram ter tido algum contato com o trabalho desenvolvido por estagiários de graduação em Fonoaudiologia nas escolas em que atuavam, 20 deles indicaram a realização de triagens e 12, de encaminhamentos. As autoras concluíram então que, em sua atuação em instituições educacionais, o fonoaudiólogo deve dispensar mais atenção às atividades de prevenção e promoção visando desenvolver plenamente seu papel e contribuir para modificar a percepção do professor de que realiza, prioritariamente, triagens e encaminhamentos. Este trabalho evidencia a visão do trabalho fonoaudiológico voltado apenas para a identificação e tratamento de alterações

fonoaudiológicas e não para a promoção da saúde, ou ainda, para a atuação na direção do desenvolvimento infantil e da qualidade de vida dos alunos.

Professora 6

Ah, o uso com a voz, que a gente vive com problema [...] Eu nem tanto, mas as meninas com rouquidão, dor de garganta frequente, porque o número de crianças na sala é muito alto a gente precisa aumentar o tom de voz, então orientação neste sentido.

Professora 7

[...] eu percebi um grande diferencial na voz, porque eu sempre falei muito baixo, e com classe menor o volume não era perceptível, não precisava. Então agora, trabalhando com tantas crianças eu percebi até mesmo na minha prática, rouquidão, percebi que eu comecei a falar mais alto, mas eu não notava, eu só estava percebendo que eu estava chegando em casa com a garganta [...] com cansaço, com a garganta super cansada, a rouquidão, assim [...] toda sexta-feira, de quarta pra sexta já mudava muito, ficava muito rouco mesmo. Até que comecei a ter esse contato direto com a fono, com vocês daqui do Dona Carminha e foi legal porque eu consegui verificar isso daí, antes eu não tinha essa rouquidão, por quê? Porque eu não falava tão alto, não tinha tanta cobrança, não tinha muito barulho, pra aumentar essa voz e aí com os cursos daqui, foi onde eu ampliei, fui buscar recursos, fui buscar a fono, fui fazer fora, passei por audiometria [...]

O relato destas professoras mostra que a atuação fonoaudiológica é conhecida em alguns aspectos, como por exemplo, quanto ao uso da voz, algumas, inclusive, já apresentaram queixas vocais e/ou conhecem colegas de profissão que apresentaram tais queixas. Esse conhecimento vem da realidade encontrada nas escolas, em que muitos professores necessitam de cuidados vocais.

Dessa forma, é possível observar nos relatos apresentados que as professoras valorizam a presença e a atuação do fonoaudiólogo no ambiente escolar como aquele profissional que poderá ajudar os profissionais da escola a não adoecerem, a cuidarem melhor de suas cordas vocais. De certa forma, essa situação mostra, também, a precariedade das condições de trabalho do professor que não são vistas ou refletidas em seus cursos de formação. Tais achados me remetem aos dizeres de autores como Costa⁸⁰ e Ferreira⁸¹ que afirmam em seus trabalhos sobre a parceria entre o fonoaudiólogo e o professor, buscando, inclusive, o desenvolvimento global do aluno. No entanto, segundo esses autores o fonoaudiólogo dentro da escola não pode deixar de trabalhar também com a saúde vocal do professor. Situações de abuso vocal crônico, como o falar em intensidade elevada, durante muitas horas por dia, a presença de ruídos, o tempo de magistério com uso contínuo e inadequado da voz, entre outros fatores, ocorrem com frequência na rotina dos professores e devem ser considerados e abordados na atuação fonoaudiológica.

Pinto et al.⁸² são autores que também relacionam o papel da voz do professor em sala de aula. Para eles o professor tem o papel de orientar o aluno no processo de desenvolvimento cognitivo e na aquisição de conhecimento de sua própria cultura. Para isso dispõe de uma importante ferramenta de trabalho: a voz. Sendo esta tão importante no processo pedagógico e também tão prejudicado devido ao seu uso constante e abusivo, constatou-se necessário um trabalho preventivo, com objetivo de tornar o professor agente de sua própria saúde vocal. Neste sentido, podemos observar que o relato da professora 7 é confirmado pelos autores, pois através do conhecimento adquirido esta professora sentiu-se empoderada a buscar auxílio clínico para sua queixa vocal, além de propiciar a reflexão acerca de mudanças que poderiam ser feitas em sala de aula.

A esse respeito, Ferreira⁸¹ traz que na década de 60 a fonoaudiologia era pautava no atendimento clínico individualizado e os professores de diversas áreas e níveis eram os que mais recebiam atendimento. A atenção era voltada aos distúrbios vocais, além disso, naquela época a visão era que o próprio sujeito, o professor, era o grande causador de tal distúrbio por não ter respeitado os bons hábitos vocais e então por necessitar de atendimento

fonoaudiológico. A autora coloca também que no final da década de 70 iniciam-se atividades como palestras, a respeito dos cuidados com a voz, grande parcela dos professores desconhecia a necessidade de um trabalho seja no aspecto preventivo, como também em como melhorar sua atuação.

Em um artigo de revisão bibliográfica, realizado no período de 1994 a 2008, referente à voz do professor, mostra que publicações fonoaudiológicas na área de voz profissional têm sido privilegiada, nos últimos anos, pelo Departamento de Voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. A primeira publicação sobre a voz do professor é da década de 80, sem nenhum outro registro até 1993. Desta data até os dias atuais, mantém-se um ritmo crescente em número de publicações, sendo o professor o profissional de voz mais pesquisado. Tal fato pode ser explicado pelo grande número de docentes que frequentemente procuram as clínicas médicas devido aos problemas vocais.⁸³

As queixas mais comuns em professores são: fadiga vocal, perda da voz, dor em região de garganta e rouquidão, tais sintomas acarretam prejuízos na comunicação e na atuação profissional, influenciando de forma negativa no aprendizado do aluno e na qualidade de vida do professor. Em muitos casos, o professor não tem acesso à informação e prevenção sobre a saúde vocal, o que contribui para que a prevalência desses sintomas seja alta nessa categoria profissional⁸⁴, além disso, a prática de saúde vigente não prevê a inserção de fonoaudiólogos nos serviços de saúde pública, como nos centros de saúde, bem como nas próprias unidades escolares, fornecendo suporte aos problemas vocais já existentes e prevenindo o aparecimento de outros.⁸⁵

Além da questão vocal, outro fato observado durante as entrevistas foi a relação do trabalho fonoaudiológico com a retirada e/ou conscientização sobre os hábitos deletérios como sucção de chupeta e digital e uso da mamadeira, como observado nos excertos das professoras 1, 4 e 7. Apenas a professora 2 não referiu relação entre a retirada de hábitos deletérios e o trabalho do fonoaudiólogo. A professora 4 não tinha conhecimento sobre os prejuízos acarretados na criança devido ao uso exacerbado de tais objetos.

Professora 1

Foi uma coisa fundamental, ter esse respaldo para retirada da chupeta. Então pra essa questão de aprendizagem que entra a fala, esse objeto que é a chupeta, já ajuda com a fono, estando junto com a família. [...] a questão da chupeta eu achei muito válido, o trabalho aqui na escola, com essa parceria porque como atrapalha a criança a falar quando passa da idade adequada, quando eu tive a reunião de pais eu já tive esse respaldo [...]

A professora 1 faz uma relação entre a fala e a aprendizagem, no caso da escrita, pois no início do processo de alfabetização as crianças podem realizar o apoio na oralidade, e caso faça uso de algum hábito deletério como chupeta e/ou mamadeira isso poderá acarretar diversas alterações na arcada dentária e na postura de língua o que também causará alterações em sua fala. A entrevistada coloca a atuação do fonoaudiólogo como um respaldo ao seu trabalho, como se a presença do fonoaudiólogo na escola qualificasse seus argumentos sobre o tema ao conversar com os pais, empoderando-a perante a família.

Para Oliveira⁸⁶, o empoderamento de indivíduos e comunidades inclui a promoção da conscientização e o fornecimento de informações relevantes a respeito do campo da saúde, possibilitando ao indivíduo autonomia para fazer suas escolhas.

Professora 4

[...] a noção que eu tinha é que a chupeta deixa o dente pra frente, só isso, não que prejudicaria a fala nada disso. Trabalhar de forma preventiva, que nem eu não tinha ideia que chupeta, que trabalhava com chupeta, com mamadeira, que podia trabalhar contando histórias, entendeu? Eu achei que fono só trabalhava a fala mesmo. [...] importante a ajuda de vocês junto às crianças e tenho certeza que pras famílias também, ajuda muito as famílias na questão de largar a chupeta, largar a mamadeira.

Ao ser questionada sobre o trabalho do fonoaudiólogo na escola a professora 4 coloca a atuação de tal profissional como algo preventivo e que auxilia, além das crianças, também suas famílias, menciona ainda que antes de acompanhar o trabalho realizado em sala de aula não tinha o conhecimento que o fonoaudiólogo poderia trabalhar com a conscientização para retirada de hábitos deletérios, mas apenas realizar o trabalho voltado as alterações de fala.

Professora 2

[...] Eu já tinha mais ou menos uma noção de como trabalhar com criança dessa faixa etária [...] de tirar a chupeta deles na soneca [...] ai a partir desse dia deu certo. É, embora muitos pais falem que fica com dó, a gente vê as crianças chegando com a chupeta, mas a nossa parte a gente faz.

A professora 2 não atribui nenhuma relação entre o trabalho do fonoaudiólogo com a conscientização para promover a retirada da chupeta e da mamadeira, refere que já tinha conhecimento em como trabalhar com crianças na faixa etária de dois a três anos de idade e já sabia que o uso de hábitos deletérios nessa fase podem acarretar malefícios futuros.

Professora 7

[...] eu acho que sempre foi benéfico e bem produtivo, porque assim, a gente consegue ver o que está acontecendo e o que foi de diferente, hábitos que a criança tinha e que ela deixou, então deu muito resultado com várias crianças, a gente tem exemplo de crianças que chupavam chupeta e por uma contação de história, ou por uma atividade direcionada, deixaram os hábitos, tem relato de pais que deu super certo. [...] o que eu gostei foi dos projetinhos, porque eles tão diretamente nessa idade da educação infantil, do uso da chupeta, dos bons hábitos, questão da mastigação, então você vê que tudo isso, que não é só um profissional, por exemplo, o dentista, então eu acho que o setor está trabalhando legal que está com esse olhar, tem feito o trabalho de prevenção.

A professora 7 observa que após o trabalho realizado em sala de aula em parceria entre a fonoaudióloga e a professora, houve mudanças nos hábitos dos alunos, sendo que alguns deles conseguiram parar com o uso da chupeta. Outro ponto levantado pela entrevistada foi com relação do uso da chupeta e a função mastigatória, sobre tais temas não serem abordados somente pelo dentista, mas também pelo fonoaudiólogo no ambiente escolar, de uma forma preventiva.

É comum a ocorrência de hábitos deletérios em crianças inseridas na educação infantil, juntamente aos hábitos ocorrem na maioria das vezes a presença de alterações oclusais, sendo observado com maior frequência a mordida aberta anterior, tal alteração pode acarretar em prejuízos para a fala, pois altera posicionamento da língua e dos dentes, prejudicando a mastigação, além de favorecer a respiração oral.

A prevalência de maloclusão em crianças que usam chupeta é 5,46 vezes maior do que naquelas que não a utilizam.⁸⁷ Galvão, Menezes e Nemr⁸⁸ inclusive, destacam a importância da criação e aplicação de medidas educativas e preventivas que tenham como objetivo informar e conscientizar pais, crianças, responsáveis e profissionais da área da saúde a respeito dos prejuízos ocasionados por tais hábitos e a necessidade de evitá-los. A implantação de estratégias de educação em saúde que envolvam pais, escolares e professores se mostra benéfica, pois além de proporcionarem gastos menores, são imprescindíveis para a mudança permanente de hábitos indesejados.

O trabalho de Pereira et al.⁸⁹, por exemplo, propõe avaliar uma estratégia motivacional para a remoção do hábito de sucção de chupeta em pré-escolares matriculados em escolas de educação infantil de Pelotas/RS. O estudo envolveu 150 crianças, entre 4 e 6 anos de idade, de três escolas públicas e uma particular. As autoras concluem que a estratégia motivacional proposta foi efetiva na população estudada e pode se constituir como uma ferramenta no desenvolvimento de educação em saúde bucal na escola.

Além da questão sobre a presença de hábitos deletérios na educação infantil, sua prevalência e prejuízos de sua utilização, outro aspecto levantado

pelas professoras foi sobre o trabalho do fonoaudiólogo em relação à surdez, tendo em vista que o presente Instituto tem um histórico na educação de surdos na cidade de Campinas e também atende crianças surdas e implantadas em seu programa de educação infantil.

Historicamente a fonoaudiologia esteve atrelada ao trabalho com sujeitos surdos, principalmente na época em que o oralismo era a abordagem vigente. Nesta abordagem a fala era considerada a língua legítima e era privilegiada em detrimento a outros sistemas de significação. As autoras Bevilacqua e Formigone⁹⁰ trazem que o objetivo da abordagem oralista é “facilitar” a integração social do surdo, aproveitando para isso o máximo do resíduo auditivo através de aparelhos de amplificação sonora. Desta forma, todas as crianças devem ter algum tipo de estimulação auditiva, tendo em vista que a audição como canal sensorial é de grande importância para o desenvolvimento da comunicação oral.

A utilização das próteses auditivas é de grande importância no processo de habilitação e reabilitação do deficiente auditivo. Sua finalidade é amplificar os sons de forma adequada e satisfatória ao usuário, tal amplificação não se limita apenas aos sons de fala, mas, também, aos sons ambientais, de alerta e aqueles que oferecem conforto ao indivíduo. Além da utilização de aparelho de amplificação sonora individual (AASI), outra tecnologia importante que tem ganhado destaque é o implante coclear, um dispositivo eletrônico de alta complexidade introduzido na cóclea, que estimula eletricamente as fibras nervosas remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico ao nervo auditivo, a fim de que seja codificado pelo córtex cerebral. Tal dispositivo difere das próteses auditivas convencionais por não amplificar o som, mas, sim, fornecer impulsos elétricos e, portanto, é considerado uma boa alternativa para aqueles pacientes que não apresentam benefícios com a amplificação.

Miyamoto et al.⁹¹, afirmam que para se obter benefícios do implante, a diferença entre a idade linguística e a idade cronológica deve ser minimizada, e a informação auditiva deve ser introduzida durante os períodos críticos de desenvolvimento de linguagem. Sendo necessário não apenas a realização da cirurgia para a colocação do implante coclear, mas também o

acompanhamento fonoaudiológico desta criança, sendo importante a participação da família e da escola neste processo, pois a criança deve não apenas detectar os sons, mas compreendê-los e significá-los.

O que podemos observar no excerto abaixo, que traz um relato da professora 3 no qual faz correlação do trabalho do fonoaudiólogo apenas com a área da surdez, em que já havia trabalhado anteriormente em outra Instituição que visava a educação de sujeitos surdos, co-relaciona o trabalho do fonoaudiólogo apenas com a área da surdez, em especial ao trabalho realizado visando a reabilitação auditiva, ao uso do aparelho de amplificação sonora individual AASI e a leitura orofacial. Essa professora relata também que recorre ao fonoaudiólogo para lidar com questões referentes aos aparelhos e/ou implantes cocleares, não se sente segura para lidar com os aparelhos em sala de aula. Afirma como sendo importante a presença do profissional dentro da escola para realizar a orientação quanto ao trabalho em sala de aula com crianças implantadas e com outros comprometimentos além da surdez, como a criança supracitada que tem um acometimento neurológico. Neste caso, o fonoaudiólogo ocupa um lugar de saber, pois em sua formação adquiriu o conhecimento sobre a audição, suas afecções e recursos tecnológicos que podem auxiliar no processo de (re) habilitação do sujeito surdo, sendo assim, representa o papel de especialista e o professor adquire o papel de espectador deste trabalho, necessitando de orientação e direcionamento também em sala de aula como foi observado na fala da professora 3, que afirma que o trabalho do fonoaudiólogo com alunos surdos faz todo o sentido, pois já vivenciou em sua prática esse trabalho.

Professora 3

[...] eu imaginava o profissional sempre ligado a área da surdez [...] Quando ele [aluno surdo] usava o aparelho direitinho ele falava muito bem e com as terapias mais ainda, eu poderia conversar com ele normalmente a leitura labial, então aqui eu percebi muito nítido essa importância como é importante na vida do surdo. [...] não tinha esse cuidado com os aparelhos, sabe, como tinha aqui, quando eu vim pra cá, foi muito importante pra mim, porque aqui

nós tínhamos um controle dos aparelhos, quem usava aparelho, nós tínhamos uma planilha que a gente anotava direitinho quem usava aparelho, quem veio e quem não veio, lá na outra escola não, nós não tínhamos e também não tinha essa cobrança. Então eu achei, comparando as duas escolas, então aqui me deu uma outra visão desse profissional da profissional fono na vida do aluno surdo, claro que eu tinha nítido essa importância, que eu via nos alunos que tinham essa possibilidade de fala o quanto isso era importante e como fazia diferença o uso do aparelho [...] porque com os surdos faz todo sentido, mas com ouvinte? Ai eu fiquei pensando, mas elas vão fazer o que? Eu não imagina, eu não conseguia ter uma ideia do que seria o trabalho [...] Acho, por exemplo, no manuseio do aparelho, que é uma coisa que me angustiava e até hoje, infelizmente, eu não tenho coragem de trocar as pilhas, de mexer, sempre recorro ao profissional que atende a criança pra que me ajude a trocar ou troque por mim, porque eu não me sinto segura pra trocar [...] eu não sei como explicar o nível que está, se é P1 é isso? [...] então eu já preciso de todo um suporte da fono pra saber como me comunicar com ela [criança implantada e que tem comprometimento neurológico], o que eu devo dar, como atingi-la de uma maneira melhor pra que eu tenha resultados melhores. Esses dias a gente conversou bastante ela passou várias técnicas, coisas que eu e minhas monitoras poderíamos fazer pra facilitar, então eu sempre penso o que seria de mim se eu tivesse Bia e Andrey na minha sala e não tivesse ninguém pra me orientar. [...] eu me preocupo muito com esses implantados em outras escolas que não tem esse profissional.

A professora 4 demonstra ter conhecimento do trabalho fonoaudiológico voltado apenas para a correção de alterações na fala, não associa que tal profissional possa também trabalhar com questões voltadas a audição. Ao ser questionada se possuía algum aluno surdo em sala de aula e quais os sentimentos envolvidos, a professora relata que teve um sentimento de desespero, por não saber lidar com a necessidade daquela criança, no entanto, a presença do setor de fonoaudiologia dentro da escola representou para ela uma segurança, por ter um profissional com conhecimento específico

na área que a auxiliasse neste processo. Esta visão também é observada na fala da professora 7 que demonstra maior segurança em sua atuação com o aluno surdo, por ter a presença da fonoaudióloga na escola. Podemos observar também na fala da entrevistada que algumas vezes a mesma tem o conhecimento por determinado assunto, no entanto não se sente segura para, como ela mesma diz “levar a diante como professor”, então ter um profissional da saúde dentro da escola daria maior respaldo ao seu trabalho além de ajudar na avaliação dos alunos com alguma dificuldade, nesta questão a fonoaudiologia é vista como aquela que vai detectar algum desvio, resquícios ainda de sua história.

Professora 4

[...] eu só imaginava que era só na questão da fala em ajudar a criança a melhorar na fala, não de jeito nenhum, fono nem pensar, ignorância não? [sobre a fono trabalhar com crianças com implante coclear] [...] Bom no primeiro ano que eu trabalhei aqui eu não tinha nenhuma criança surda e eu pude observar um pouco o trabalho de vocês, no segundo ano eu tive uma criança, a Samara, com implante coclear, no princípio eu fiquei meio desesperada [...] A Maria Helena [fonoaudióloga], ela que me explicou direitinho, mas eu lembro que veio uma certa paz quando, veio o desespero, mas veio uma certa paz depois quando eu lembrei que eu tinha vocês aqui na escola eu pensei assim: “Graças a Deus tem as meninas que vão me ajudar, vão me orientar”.

Professora 7

Eu acho que seria bem mais complicado, [se não tivesse o fonoaudiólogo na escola] eu talvez, me sentiria faltando algo. “-Como eu vou fazer com essa criança?”, eu me sentiria desamparada. Porque se a gente tem dúvida a gente procura né? Até mesmo conhecer o tipo de aparelho, vira e mexe a mãe manda recadinho: “-Olha não está funcionando, dá pra procurar o setor de fono?”, então a gente procura vocês com essa fala da mãe. [...] às vezes tem coisa que você até sabe, mas não pode levar a diante como professor. Precisa

de uma equipe de profissionais mesmo, pra te ajudar a avaliar.

Ao contrário da professora 4, a professora 6 coloca que tinha o conhecimento do trabalho do fonoaudiólogo ser realizado apenas com os alunos surdos e que pelo Instituto ter um histórico de trabalho na educação dos mesmos, ela não estranhou a presença do fonoaudiólogo dentro da escola, mais uma vez a fonoaudiologia vem associada a surdez. Ao ser questionada sobre os sentimentos que teve ao saber que teria um aluno surdo em sala de aula, a professora refere que ficou apreensiva e que a ajuda das fonoaudiólogas foi importante no direcionamento do seu trabalho com esta criança, sendo importante para ela.

Professora 6

[...] achei que era só com os surdos. Não sabia que tinha [fonoaudiólogo na escola], mas achei que ia ajudar bastante o nosso trabalho [...] Então eu não estranhei, porque já sabia que a escola trabalhava com surdos, por isso. “O que eu vou fazer agora?”, porque não tinha conhecimento, não conhecia, nunca tinha trabalhado, então no começo eu fiquei bastante apreensiva, mas depois no dia-a-dia com a ajuda das fonos daqui do Instituto, então eu vi que não era um bicho de sete cabeças. [sobre trabalhar com crianças surdas e/ou implantadas] [...] meu primeiro ano foi com surdo, que era o Matheus, e daí eu tive que buscar muita coisa, aprender algumas palavras em libras, pra poder estar trabalhando com ele, mas eu achei que foi bastante produtivo. E depois os implantados foi um pouco mais fácil. [...] se não tivesse [fono] eu estaria perdida. Porque vocês na época me emprestaram apostilas, pra eu trabalhar com ele [criança surda], mesmo com as implantadas sempre ter a orientação de como a gente ensina, o que fazer, como falar, então é muito importante.

Encaminhamentos realizados ao fonoaudiólogo

É comum que as crianças em faixa etária escolar apresentem dificuldades na fala, escrita, aprendizagem e sejam encaminhadas para

avaliação e conduta com fonoaudiólogo clínico, muitas vezes os responsáveis por tais encaminhamentos são pediatras que a pedido dos pais e/ou da escola encaminham a criança em questão.

Analisando a fala de nossas entrevistadas observamos que muitas não tinham o conhecimento que poderiam encaminhar os alunos que apresentassem alguma queixa referente à audição e/ou linguagem oral ao fonoaudiólogo. Uma professora procurou o setor para conversar a respeito de um aluno que lhe chamou a atenção em sala de aula, que como ela mesma definiu, “*trocava muito as palavras*”, outra professora referiu que tinha conhecimento que apenas o médico poderia realizar tal encaminhamento, outra professora relatou que quando o aluno apresenta alguma queixa encaminha o caso à coordenadora da escola, o que mostra uma estrutura escolar hierarquizada, que não permite à professora ter o contato direto com os pais. As demais relataram que conhecendo o trabalho do setor de fonoaudiologia dentro da escola, tais encaminhamentos ficaram mais acessíveis como nos excertos abaixo.

Professora 1

Quando em sala se queixa de dor, da infecção de ouvido, passamos pra coordenadora, que entra em contato com a família, aí a criança vai e depois volta com atestado falando que foi ao médico. Mas não específico, não sei qual médico, não tenho esse contato.

Professora 2

Que eu me lembre, acho que o Jader ano passado [2014], eu conversei com alguém [alguma fonoaudióloga]. [...] Ele trocava muito as palavras [...] Eu comentei sobre ele e aí falou que era por causa da chupeta, pelo uso da chupeta.

Professora 3

Percebi, no ano passado, tinha um aluno que eu percebia que sempre quando chamava, mesmo quando estava em silêncio, a sala não estava tão ruidosa, a gente chamava e ele não dava esse retorno, mesmo de frente ou de costas, ou mesmo em barulhos, que aconteciam coisas, por exemplo, alguma coisa que caía ele não dava esse retorno, ele não olhava, então eu percebendo isso, encaminhei pra fono [setor de fonoaudiologia] e ela realmente iniciou alguns... não sei se fala teste? [...] na época fazia audiometria, então eu achei que foi muito importante.

Neste caso, em específico o aluno realizou exame de audiometria no próprio Instituto, foi constatada uma perda auditiva condutiva de grau leve e a criança foi encaminhada ao médico otorrinolaringologista via centro de saúde, realizou acompanhamento médico e realizou cirurgia para colocação do tubo de ventilação (dreno) a fim de sanar o quadro de otites de repetição que ocasionavam a perda auditiva, a professora e a monitora de sala foram orientadas sobre o caso.

Professora 4

[...] eu sabia que o pediatra que indicava [encaminhava para fonoaudiólogo], professora não.

Professora 5

[...] o Estado [escolas estaduais] não tem fono. A fono que tem no Estado [escola estadual] é do CAPS, aí o que ela faz ela vai até a escola, vamos supor que eu tenha uma queixa de um aluno aí o CAP vai até a escola levando esses dados, aí eu encaminho pra essa fono, que é do CAP, e ela faz uma avaliação e um encaminhamento, mas ela também não pode atender. [...] Então se eu encontrei esse problema na minha criança, eu vou ter que tentar de alguma forma encaminhar. Não [encaminhei], porque o que acontece, eu atendo só demanda do aluno surdo, então quando ele chega pra mim ele já

chega com o laudo da surdez, com a audiometria, com os exames, tudo certinho, então eu não tenho essa oportunidade de passar na sala de aula, verificar se tem alguma criança com essa dificuldade, então ela já chega, é uma sala individual na escola, onde você faz o atendimento voltado só pra aquela especialidade, então não tive essa oportunidade de ter contato com os outros alunos ouvintes pra ver se tinha uma questão fonoaudiológica. [...] eu percebo que eles encaminham mais pra fono quando é gritante o caso, quando atinge a questão da fala, da oralidade, quando é na questão da escrita, não conseguem, elas dão umas “titubiada” é complicado, então elas deixam o caso ir embora, vai pro segundo ano, terceiro, pro quarto, vai passando e não sabe o que fazer. Agora quando é na fala no oral, aí “acho que esse é pra fono”, acho que até esse caso de quando é na escrita elas não sabem pra quem encaminhar. Ah tem aquela listinha que eu te passei, aquele menino que respirava no meio, aquele que troca, o dislálíco, teve uns casos que a gente conversou. [...] nós conversamos com as mães, encaminhamos, enfim, [...] eu lembro que a gente conversou, que chamamos os pais pra orientação, pra encaminhar pro convênio se a família tinha, esse foi andamento que a gente fez.

A professora 4 refere que não tinha o conhecimento que poderia encaminhar algum aluno para avaliação e conduta com fonoaudiólogo, que isto era apenas papel do médico pediatra.

O excerto acima traz o relato da professora 5, que atua como pedagoga de educação especial do Instituto e também trabalha em uma escola do Estado no serviço de atendimento educacional especializado (AEE) atendendo crianças surdas que estão inseridas na rede pública de ensino, desta forma, muitos alunos já veem com o diagnóstico de surdez, no entanto em sua narrativa podemos observar a dificuldade que a professora encontra necessita encaminhar uma criança que não possui o diagnóstico de surdez para avaliação e conduta com fonoaudióloga.

No terceiro trecho a professora expressa sua opinião de que é mais comum os encaminhamentos à fonoaudióloga feitos através da professora de

sala de aula quando a criança apresenta dificuldades na fala, sendo essas perceptíveis, como a própria participante mencionou “*quando é gritante o caso*”, e que dificuldades apresentadas na escrita são mais difíceis de serem encaminhadas, talvez por não saberem que o fonoaudiólogo também trabalha com questões relacionadas a escrita.

Em seu trabalho na educação infantil no Instituto Dona Carminha, a professora encaminhou algumas crianças para avaliação com a fonoaudióloga e alguns casos foram orientados e/ou encaminhados para profissionais que realizavam atendimento clínico pelo convênio médico ou da rede pública de saúde.

Professora 6

Sim, vários. [...] foi fácil, porque aqui tem, acho que se fosse em outra escola seria difícil. Eu acho muito importante, tem coisas que a gente não tem conhecimento, e é difícil de identificar né?! Com o profissional ali dentro, o que a gente acha que é, que pra gente o que é só uma questão da idade, ele tem uma visão mais apurada da coisa. Eu acho que quanto antes tratado, melhor.

A professora relata que encaminhou vários alunos para avaliação e conduta com fonoaudiólogo, que ter esse profissional dentro da escola facilita o processo, muitas vezes o professor tem dúvida se a queixa que a criança apresenta em sala de aula é normal para a idade ou não e que o fonoaudiólogo é o profissional que tem esse saber, como ela mesma refere: “*visão mais apurada da coisa*”.

Professora 7

Eu lembro [de ter encaminhado à fono], mas assim eu fico esperando o profissional, então assim, por mais que eu tenha observado, eu já esperei o momento de você ir na sala e identificar junto comigo.[...] o [caso] da Heloysa, nem era assim tão gritante, era um ajustezinho [...] Sim, [se sente segura para encaminhar as crianças para a fono] mas eu sempre quero a opinião do profissional pra ver se isso que eu observando é mesmo, mesmo porque eu já

passsei por fono, então será que é mesmo ou é algo da minha cabeça.

A professora refere que mesmo observando que seu aluno tem uma dificuldade em sala de aula, espera que o fonoaudiólogo confirme se há necessidade de orientar os pais e/ou encaminhar a criança, ou como no caso relatado pela profissional em que os pais foram orientados e não houve necessidade de avaliação e conduta clínica.

Simões e Assencio-Ferreira⁹² colocam que quando os professores são instrumentalizados os mesmos podem identificar com maior facilidade distúrbios reais e auxiliar na orientação para o encaminhamento, quando necessário. Desta forma, ao informar, o professor pode transmitir as teorias e conhecimentos que ele próprio foi percebendo e internalizando no decorrer de sua história, as quais permeiam a sua ação, não ficando restritos a presença do profissional especialista na escola para que isso seja feito, pois na escola todos que compõe a equipe escolar são responsáveis pela educação dos alunos, sendo assim educadores, independente e sua formação.

Parceria entre Fonoaudiologia e Pedagogia

O ambiente escolar tem sido visto como cenário facilitador para promoção de saúde e prevenção de doenças. Desta forma, o professor tem papel de facilitador de tais ações, podendo desenvolver em sala de aula estratégias de ensino e situações de aprendizagem.

Ferigotti⁹³ aponta que mesmo que a Fonoaudiologia esteja inserida na área da saúde, os conhecimentos específicos da formação do fonoaudiólogo se articulam de forma direta com questões e demandas que emergem no sistema educacional. A prática fonoaudiológica é de grande importância nesse contexto, sendo assim, o trabalho realizado em parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia tem grande importância, pois resulta em contribuições positivas para o desenvolvimento dos alunos.

Já Batista⁹⁴ refere que ao assumir uma proposta de promoção de saúde na escola a fonoaudiologia deve construir processos educativos que facilitem a expressão dos aspectos contextuais, sociais, subjetivos e culturais que influenciam as percepções acerca do cuidado em saúde.

Abaixo encontram-se excertos retirados das entrevistas com as participantes que tentam retratar a parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia em sala de aula.

Professora 1

Foi ótimo, porque como eu ainda tenho essa relação da fono com a voz em primeira instância e que é difícil de abrir um pouco o leque, então falando da devolutiva, a turma gritava muito e falava muito alto, com a gente focando no ouvido, que é relacionado que o que sai da boca dói o ouvido eles diminuíram o tom, não cem por cento, mas foi mecanismo da nossa parceria, de não machucando o ouvido a voz sendo controlada, esse trabalho contribuiu e eles diminuíram. Até a sua dica do refeitório que dá mais barulho [eco] eu policio eles a entrar lá e não gritar, não pedir nada gritando, levantar a mão ou a ficar quietinho, porque senão vai doer o ouvido de todo mundo. E eu não tinha esse conhecimento, então ajudou sim a cuidar do ouvido controlando a voz. E a televisão eu também abaixo, então alguns objetos da sala eu andei mexendo, ventilador quando eu vou falar eu abaixo, a televisão eu deixo em um tom [volume] que eles têm que abaixar o tom pra ouvir. Antes não, quanto mais falava mais eu aumentava. Ai eles paravam pra ouvir, mas a gente não tinha essa atenção de abaixar. Agora não.

A professora 1 faz relação da atuação fonoaudiológica na escola ser voltada apenas para a área da voz, como ela mesma diz em excertos acima: “A fono da voz”. A entrevistada estabelece uma relação de parceria entre fonoaudiologia e pedagogia no trabalho realizado em sala de aula no que diz respeito a audição e consegue colocar em prática no seu dia-a-dia, ações que melhorem sua atuação em sala de aula e a saúde auditiva dos alunos e a própria, evitando situações de ruído exacerbado como no refeitório, que é um

ambiente que produz eco, e em sala de aula diminuindo o volume da televisão e o barulho do ventilador quando vai conversar com os alunos, ou fornecer alguma informação.

Professora 3

[...] acho que a gente trabalha numa parceria legal, um reforça o outro, quando nós fizemos o esquema corporal foi muito legal, da boquinha, da higiene, tem uns que ainda guardam a boquinha até hoje, então assim, eu achei que é muito importante, acaba uma reforçando o trabalho da outra, então eu acho muito importante mesmo, eu tenho gostado muito. Eu acho que essa nova atuação da fono dentro de sala de aula eu acho que tanto os professores mais ainda as crianças ganharam muito. [...] eu vejo uma parceria entre a gente, um trabalho conjunto, a gente caminhando junto, vocês nos orientando, a gente dizendo: “-Olha, to trabalhando isso”, então eu acho que ficou muito legal. [...] Um trabalho muito legal que vocês fizeram logo no começo que a gente fez um gráfico com o índice do ruído da sala lembra? Que a gente ia subindo e descendo, do ruído, tinha uma carinha, era muito legal, deu bastante resultado no começo.

A professora 3 tem experiência no trabalho de parceria entre fonoaudiologia e pedagogia com crianças e adolescentes surdos e por ter esta vivência, consegue enxergar um novo enfoque no trabalho realizado pela fonoaudiologia no ambiente escolar, voltado à promoção e prevenção de saúde e relata que algumas ações em sala de aula, como a da construção do ruidômetro com os alunos, deram resultados positivos em sala de aula. No entanto, a professora coloca que apesar das duas áreas caminharem juntas o fonoaudiólogo tem um papel de orientar o trabalho do professor quando diz: “[...] *vocês nos orientando*”, sendo assim, o fonoaudiólogo exercer um papel de especialista, aquele que ocupa um lugar de saber, que está acima do professor.

Professora 4

É que nem aconteceu com a gente no comecinho, em Março, as crianças

queriam saber sobre o aparelho [Implante Coclear], tinha curiosidade e você fez uma palestra, levou aquele ursinho com o aparelho, isso me ajudou e nada mais legal que a pessoa que conhece do assunto explicar pra criança. Ai depois, claro que ai a gente foi trabalhando em sala de aula, eu acho muito importante, enriquece muito o trabalho pedagógico na escola, muito mesmo.

Professora 6

Pra mim foi bastante enriquecedor, porque eu acho que as crianças precisam entender como é que funcionam as coisas e desde que o trabalho começou surtiram vários efeitos, com o projeto da “Rita, não grita” [projeto de saúde vocal, ensina as crianças sobre os malefícios do abuso vocal], eles entenderam o caminho que a voz faz o que pode acontecer se gritar demais, os calinhos, tanto que eles contam a história direitinho até hoje, da palma quando bate, eu acho que criança precisa disso, entender na prática como funcionam as coisas e fora os outros conteúdos que a gente tem trabalhado junto, eu trabalho em sala e você vem com sugestões, da inclusão [projeto co-financiado pela Brasil Kirin e realizado em 2014 sobre inclusão] trabalhou com sons, eles conhecerem o forte e o fraco, então eu acho que tem ajudado muito. O projeto começou com a leitura do livro “Rita, não grita!”, em sala de aula pra que as crianças comesçassem, porque eles têm o hábito de gritar e falar muito alto, e a gente estava com dificuldade de colocar algumas regras dentro da sala, ai foi quando você [fono] sugeriu a estória do livro, ai foi lido, depois foi trabalhado com as crianças, a gente montou um projeto, tem a boneca Rita que percorre as casas com a estória no caderno onde os pais fazem o relato do que aconteceu dentro da casa, e algumas posturas das crianças que mudaram com relação a isso. [...] eu acho que tudo que a gente trabalha em conjunto surte um efeito melhor, família, escola, parcerias, contribui para um trabalho eficaz.

As professoras acima dão exemplos da atuação em sala de aula e como tais ações foram benéficas aos alunos bem como para seu trabalho em sala de

aula. A professora 7 traz exemplos da atuação em parceria em sala de aula, no entanto, também coloca que espera do fonoaudiólogo orientações em como proceder com alguns alunos que tem dificuldades na fala como trocas fonoarticulatórias.

Professora 7

[...] eu acho que sempre foi benéfico e bem produtivo, porque assim, a gente consegue ver o que está acontecendo e o que foi de diferente, hábitos que a criança tinha e que ela deixou, então deu muito resultado com várias crianças, a gente tem exemplo de crianças que chupavam chupeta e por uma contação de estória, ou por uma atividade direcionada, deixaram os hábitos, tem relato de pais que deu super certo. [...] inclusive o ruidômetro [medidor de ruído construído em sala no formato de um elefante para sinalizar quando o barulho está muito alto] deu muito certo, a gente sempre fala o nome, a gente inventou uma historinha que a orelha dele está balançando de tanto barulho ai eles olham na hora é um meio de conter esse barulho. No refeitório já tem dado muito certo, a gente conseguiu um grande avanço na nossa salinha, eu tenho monitora que é mais firme, que ela consegue, mesmo jeito que eu trabalho, explicando “-Olha a gente vai para refeitório lá não é lugar de barulho”, então elas conseguem passar. Tem funcionado. [...] se tivesse como, o que eu espero é de depois das nossas conversas e observações, aquela criança que faz certa troca, uma orientação de como proceder com essa criança em sala de aula, ou dar reforço, ou não reforçar, ou mudar, ou falar algumas palavras pra ela repetir, orientação nesse sentido. É falar:

“-Olha Dani, mesmo na sala de aula, com muita criança quando, você lembrar você pode fazer assim...”, porque igual quando a gente está com dificuldade e a gente pede pros pais, pra fazer um trabalho paralelo com a escola eu acho que não seria só essa orientação pros pais levar na fono, fazer o trabalho lá, porque ai a gente sabe se ele está evoluindo ou não. E quando está na sala de aula, se puder, a gente tem como cobrar, uma postura errada, na imposição da língua, não sei, ele vai está fazendo, mas quando chega aqui, se a gente souber como agir a gente ajuda a corrigir a policiar.

Segundo Brasil e Chiari⁹⁵ é comum observar que os professores têm dúvidas em relação ao processo de evolução normal da comunicação e também em como agir com alunos que possuam alterações e como seu trabalho poderá ser otimizado com a parceria de um fonoaudiólogo. Na tentativa de preencher tal lacuna, observamos uma evolução nas práticas fonoaudiológicas dentro da escola, que, além de detectar alterações, passam a esclarecer os professores em como lidar com elas. ⁹⁶

A professora 5 trabalhou durante alguns anos em uma Instituição que atende crianças e adolescentes surdos, por este motivo a fonoaudiologia como profissional participante neste processo de reabilitação. Sua visão a respeito da parceria entre as duas áreas é um pouco diferente da apresentada pelas demais participantes. Aqui o que a professora chamada de parceria, refere-se ao fato de ações de orientação ao professor das escolas regulares, tanto Municipal como Estadual, ocorrerem em conjunto pela pedagoga e fonoaudióloga da Instituição. Além disso, mais uma vez a fonoaudióloga é vista apenas como a profissional que vai orientar o trabalho do professor em sala de aula.

Professora 5

[...] Eu fazia o atendimento individual com esses alunos surdos que frequentavam a rede regular Municipal e Estadual e tinha uma vez na semana a gente fazia as visitas na escola, a gente ia na escola pra orientar o professor de como ele tinha que trabalhar, que nível pedagógico eles estavam, então ia sempre a pedagogia e a fono, sempre [...] sempre parceria.

Através dos excertos foi possível observar que o fonoaudiólogo ainda é um profissional pouco conhecido e que sua presença dentro da escola causa, a princípio, certa estranheza na equipe escolar como refere a professora 3 “[como] se um médico tivesse aqui no nosso meio”. Essa e outras crenças reforçam a visão que o fonoaudiólogo é um profissional da área da saúde e que sua atuação dentro da área educacional ainda é pouco conhecida. Isso se deve ao fato de que o percurso histórico da fonoaudiologia, ainda está muito

presente em sua história atual, ou seja, da profissão ter nascido dentro da educação com propósitos clínicos. Outro aspecto comum encontrado na fala das professoras foi sobre o trabalho do fonoaudiólogo com a voz, como sendo aquele que transmite conhecimentos sobre a saúde vocal e que vai tratar as queixas vocais dos professores. Esse trabalho é visto como sendo importante dentro do âmbito escolar.

As professoras também representam o fonoaudiólogo como aquele que detém o saber em uma área específica, no caso, audição e linguagem oral, e que por ter esse saber é o *especialista*, dentro da escola, responsável por sanar possíveis dificuldades e “problemas” encontrados nos alunos, ou aquele que vai direcionar o trabalho do professor em sala de aula ou ainda, aquele cuja presença na escola pode empoderar e qualificar a atuação do professor junto aos pais.

Apesar das participantes do estudo terem um conhecimento restrito sobre a atuação do fonoaudiólogo o trabalho realizado em parceria, foi visto como algo positivo e que apresentam bons resultados tanto aos alunos, como também às próprias professoras. O que nos mostra que tais ações devem ser intensificadas a fim de buscar um trabalho coeso e de maior troca entre essas duas áreas de saber, tentando assim um trabalho interdisciplinar.

Algumas Considerações

A escola é um vasto campo de atuação para o fonoaudiólogo, embora tenha sido considerado por muito tempo um local para a verificação de alterações e distúrbios, sendo as atividades de triagens seu principal foco de atuação. No entanto, sendo o fonoaudiólogo o profissional cujo objeto de estudo é a linguagem, seu escopo de atuação se relaciona, também, a sua função social e sua relação com a constituição do sujeito. Por essa razão, a escola tem se mostrado, também, um espaço importante para a realização de ações dentro do âmbito de promoção e prevenção em saúde, denotando que a saúde deve trabalhar em sintonia com a educação, favorecendo toda a comunidade escolar.

Desta forma, o presente estudo buscou compreender a visão de um grupo de professoras de educação infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola.

Foi possível observar que este grupo de professoras ainda tem pouco conhecimento e entendimento a respeito do papel que o fonoaudiólogo pode exercer dentro da escola, mesmo presenciando a atuação desse profissional no mesmo ambiente de trabalho. Para essas professoras o fonoaudiólogo ainda é visto como um especialista, um profissional da área da saúde que, uma vez, em ambiente escolar vai auxiliar o trabalho do professor, dizer como este deve proceder com os alunos que tenham alguma dificuldade, ou ainda, que irá sanar as dificuldades de tais alunos. No entanto, as professoras veem a atuação fonoaudiológica como algo benéfico, com reflexos positivos, tanto para suas ações pedagógicas, como para seus alunos, o que nos mostra que a atuação fonoaudiológica na escola tem muito a contribuir e que a busca pelo trabalho em parceria é o caminho para se alcançar mudanças qualitativas tanto na equipe escolar como nos próprios alunos.

A fonoaudiologia escolar vem sofrendo mudanças positivas ao longo dos anos, distanciando-se da atuação voltada apenas aos procedimentos de triagem e encaminhamentos, mas também valorizando as ações voltadas ao grupo escolar, aos professores e também à comunidade. Essas ações têm o

objetivo de informar, empoderar pais e cuidadores a respeito de medidas de saúde, principalmente na população de educação infantil de zero a seis anos.

Apesar disso, a fonoaudiologia ainda ter um vasto caminho a percorrer, barreiras a vencer, paradigmas a serem mudados e territórios à serem conquistados. Dentro do campo escolar é possível ressignificar o fazer fonoaudiológico, à medida que esse profissional volta sua atenção à linguagem e à escola como sendo espaço importante para a constituição do sujeito. É necessário, portanto, trabalhar em parceria com o professor, fazendo-o compreender seu importante papel neste processo, considerando que as crianças passam grande parte do tempo inseridas em escolas e tem os professores como seus principais mediadores. Neste sentido, o fonoaudiólogo tem um papel importante dentro da escola e deve considerar as possibilidades de parceria com os professores de educação infantil e aproveitar as situações discursivas presentes nesse local.

Além da ressignificação na atuação do fonoaudiólogo no âmbito escolar, é necessário que as professoras ao longo de sua graduação tenham um conhecimento maior sobre o desenvolvimento da linguagem, tendo em vista sua importância para a constituição do sujeito. Fonoaudiólogos e professores trabalhando em parceria podem possibilitar maior interlocução de suas ações dentro da escola, tendo como foco principal a linguagem. Com o intuito de alavancar mudanças de hábitos é necessário, sobretudo, que o fonoaudiólogo componha a equipe escolar com ações concisas e contínuas dentro da escola.

Portanto, de acordo com os resultados obtidos neste estudo faz-se necessário a realização de mais pesquisas dentro da área da fonoaudiologia escolar com o intuito de perceber se os resultados obtidos neste trabalho se relacionam com dados que seriam observados fora da educação infantil, foco principal desta pesquisa. Além disso, é importante que os fonoaudiólogos que estão dentro das escolas promovam suas ações de prevenção e promoção de saúde com os alunos e com os próprios professores, como no caso da saúde vocal, orientações e possíveis encaminhamentos, mas que principalmente, busquem atuar em parceria com professores no planejamento e na realização e atividades que promovam o desenvolvimento da linguagem.

Desta forma, este estudo abre espaço para que novas pesquisas, discussões e reflexões sobre o papel do fonoaudiólogo e sua importância sejam realizadas, buscando assim mudanças no fazer fonoaudiológico dentro do espaço escolar. Esse compromisso trará visibilidade para a atuação perante a equipe escolar e assim possíveis mudanças em nível de políticas públicas. No entanto, isto só ocorrerá se o fonoaudiólogo modificar sua forma de atuação e mostrar os ganhos que o seu trabalho pode trazer para alunos, professores e para a comunidade escolar.

Referências Bibliográficas:

1. Berberian, A.P- Fonoaudiologia e educação: um encontro histórico. São Paulo: Plexus, 1995. 27-131p.
2. Ramos A., op. Cit., p.427 In: Berberian, A P. Fonoaudiologia e Educação: um encontro histórico. São Paulo. Plexus, 1995. 72p.
3. Góis E. “Movimento Higienista” na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo ConScientiae Saúde [online] 2002, [acesso em 2015 jul 15] Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92900109> ISSN 1677-1028
4. Berberian A P. Fonoaudiologia e Educação: um encontro histórico. 2 ed. São Paulo. Plexus 2007. 136p.
5. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFa nº309, de 01 de Abril de 2005. Dispõe sobre a atuação do Fonoaudiólogo na educação infantil, ensino fundamental, médio, especial e superior, e dá outras providências.[internet] Brasília, 1 abr.2005. Disponível: <http://www.fonoaudiologia.org.br/legislacaoPDF/Res%20309%20-%20Atua%C3%A7%C3%A3o%20Escolas.pdf>
6. Rocha ACO de, Macedo HO de. Que Relação é esta: Fonoaudiologia, Escola e Graduação? In: César CPHAR, Lagrotta MGM. A Fonoaudiologia nas Instituições. São Paulo. Editora Lovise. 1997. 99-103p.
7. Cavalheiro MTP. Trajetória e possibilidades de atuação do fonoaudiólogo na escola. In: Lagrotta MGM, César CPHAR. A fonoaudiologia nas instituições. São Paulo. Editora Lovise 1997. 81-87p.
8. Cardoso JL. Dialogismo e Fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRG- 2002.
9. Conselho Regional de Fonoaudiologia. A Fonoaudiologia na Educação. Políticas Públicas e Atuação do Fonoaudiólogo. São Paulo: Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região. 2010. [Acesso em 2015 Jul 15] 24-65p.

Disponível em: <http://www.fonosp.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2010/04/livro-fonoaudiologia-na-educacao.pdf>

10. Caron M. As relações entre saber e poder em testes psicodiagnósticos a partir de M. Foucault. DELTA. 2005 [acesso em 2015 Jul 15]; São Paulo v. 21, n. 2, p. 215-236. [Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000200003&lng=en&nrm=iso>].

11. Smith DD. Introdução à Educação Especial Ensinar em Tempos de Crise – 5ªEd. São Paulo: Artmed, 2008. 151p.

12. Meira I. Breve relato da história da fonoaudiologia no Brasil. In: Marchesan IQ, Zorzi JL, Gomes ICD (Org). Tópicos em fonoaudiologia. Lovise. São Paulo. 1997/1998.

13. Conselho Regional de Fonoaudiologia – 8ª Região [homepage na internet]. Institucional- História da Fonoaudiologia.[acesso em 2015 Jul 15]. Disponível em: <http://www.crefono8.gov.br/institucional/>

14. Giroto CRM. Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. 2ª edição. São Paulo. Plexus, 2001.

15. OMS. WHO (World Health Organization) 1946. Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. WHO. Genebra. [Acesso em 2015 Jul 2015] Disponível em: http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf

16. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Exercício profissional do fonoaudiólogo. Brasília (DF); 2002. [acessado em 2015 Maio 02] Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/publicacoes/epdo1.pdf>

17. Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução nº 320, de 17 de fevereiro de 2006 - “Dispõe sobre as especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, e dá outras providências”. [Acessado em 2015 Maio 02] Disponível em: <http://www.fonosp.org.br/legislacao/resolucoes-do-cffa/resolucao-cffa-n%C2%BA-320-de-17-de-fevereiro-de-2006/>

18. Didier, MCC. Narrativas e representações sociais sobre a atuação fonoaudiológica na escola. Tese de Mestrado em ciências da linguagem - UNICAP- Recife- 2006. 11p.
19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto BRA 98/006. Promoção da Saúde: Um novo modelo de atenção. Documento de projeto programa de desenvolvimento das Nações Unidas. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde , Ministério da Saúde, 1998.
20. Gonçalves FD, Catrib AMF, Vieira NFC, Vieira LJES. A promoção da saúde na educação infantil. Interface (Botucatu) [Internet]. 2008 Mar [Acesso em 2015 Maio 10]; 12 (24): 181-192p. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000100014&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000100014>.
21. Machado MLCA, Berberian AP, Massi G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada a linguagem escrita. In: Santana AP, Berberian AP, Massi G, Guarinello AC. Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo. Plexus. 2007. 58-79p.
22. Souza APR de, Cestani AH, Vieira CR, Machado FCM de, Pereira LL. O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. Rev. CEFAC [Internet]. 2011 Feb [Acessado em 2015 July 15] ; 13(1): 140-151. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000100017&lng=en. Epub May 21, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-184620110005000042>.
23. Marin CR, Chun RYS, Silva RC, Fedosse E, Leonelli BS. Promoção da Saúde em Fonoaudiologia: ações coletivas em equipamentos de Saúde e Educação. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, ano 8, n.1. 35-41p. 2003.
24. Penteado, RZ, Servilha EAM. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. *Dist. Comunicação*. 16(1): 107-116, 2004. [Acesso em 2014 Jun 12] Disponível em: < <http://www.fonoaudio.com.br/artigos/artfono2.pdf> >.
25. Chun RYS. Promoção

da saúde e a produção do cuidado em fonoaudiologia. In: Fernandes FDM, Mendes BCA, Navas ALPGP (Org). Tratado de Fonoaudiologia. 2.ed. São Paulo: Roca; 2009. 603-11p.

26. Conselho Federal de Fonoaudiologia Resolução CFFa nº382, de 20 de Março de 2010. Dispõe sobre o reconhecimento das especialidades em Fonoaudiologia Escolar/Educacional e Disfagia pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, e dá outras providências. 2010. [Acesso em: 2015 Jul 15] Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/legislacaoPDF/Res.%20382-2010.pdf>

27. Scavazza, B.L – Um dia da caça, outro... In: O fonoaudiólogo e a escola – São Paulo: Summus editorial, 1991

28. Collaço NL. Fonoaudiologia escolar: as origens de uma proposta. In: Ferreira LP. O fonoaudiólogo e a escola. São Paulo: Summus, 1991. Cap. 2, p.21-28.

29. Lagrotta MGM, Cordeiro MC, Cavalheiro MTPC. Discutindo a fonoaudiologia na escola. In: Ferreira LP. O fonoaudiólogo e a escola. São Paulo: Summus, 1991.

30. Andrade CRF de. Fonoaudiologia e saúde pública. Anais do encontro Nacional de Fonoaudiologia Social e Preventiva. CRFa. 2a. Região. São Paulo, 19-23, 1998.

31. Silva TOFS da, Calheta PP. Reflexões sobre assessoria fonoaudiológica na escola. Distúrbios da Comunicação. v. 17 (2):225-232. Agosto 2005. [Acesso em: 2015 Jul 15] Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11716>

32. Sacaloski M, Alavarsi E, Guerra GR. Fonoaudiologia na escola. São Paulo: Lovise; 2000.

33. Barcellos CAP, Goulart JDS. Assessoria Escolar em Fonoaudiologia: o que pensam os educadores a respeito da atuação do fonoaudiólogo na escola? Janus, v. 2, n. 2, p.52-65, 2005.

34. Calheta PP. Fonoaudiologia e educação: sentidos do trabalho de assessoria a escolas públicas. In: Cesar, CPHAR, Calheta, PP. Assessoria e fonoaudiologia: perspectivas de ação. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
35. Cariola AG. Fonoaudiologia Educacional: Inserção e prática no Município de São Bernardo do Campo. [Dissertação de Mestrado] [Internet] Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.; 2012. Acesso em: 2015 Jun 15. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000853711&fd=y>
36. Pinto DAL. “Fonoaudiólogo: Apoio ou ameaça? Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre o “fonoaudiólogo”. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estácio de Sá Rio de Janeiro-RJ 2006.
37. Giroto, CRM. (org.). O professor na atuação fonoaudiológica em escola: participante ou mero espectador? In:_____. Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. São Paulo: Plexus, 2001.
38. Figueiredo NLE. O início da prática fonoaudiológica na Cidade de São Paulo. Seus determinantes históricos e sociais. (Dissertação de Mestrado) Puc-SP, 1988. In: Cesar RAHPC, Lagrotta MGM. A fonoaudiologia nas Instituições. Ed. Lovise São Paulo 1997.
39. Berberian A P. A normatização da língua nacional: práticas fonoaudiológicas 1920 – 1940. São Paulo, 1993. Dissertação. (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). PUC – SP, 1993.
40. Smolka ALB, Góes MCR. (Orgs) Nogueira ALH, Lacerda CBF, Oliveira IM, Fontana RAC. A linguagem e o outro no espaço escolar. Vygotsky e a construção do conhecimento. 13ª Edição. Campinas: Papirus;2010.
41. Abramowicz A, Wajskop G. Os espaços físicos. In: Educação infantil - Creches: Atividades para crianças de zero a seis anos. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1999. p. 30-55.
42. Kuhlmann JRM. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

43. Vieira LMF. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n 67, p-3-16. 1988.
44. Faria ALG. Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil. São Paulo/Campinas: Cortez, 1999.
45. Maia JN. Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil. Universidade Católica Dom Bosco- UCDB – Campo Grande-MS 2012.
46. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9.394. Brasília, 1996. Acesso em: 2015 Nov 05. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1
47. Brasil. Ministério da Justiça. Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8.069/1990. Brasília: Conanda,2002.
48. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF. 2001
49. Rosemberg F. Creches e pré-escolas no Brasil. São Paulo: Cortez e Fundação Carlos Chagas, 1992.
50. Oliveira ZRde. Docência em formação na educação infantil: fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
51. Araújo CCM. Linguagem e desenho: Reflexões Teórico-Práticas na Clínica Fonoaudiológica. Campinas (tese de mestrado) Universidade Estadual de Campinas-Unicamp 2002.
52. Vygotsky LS. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
53. Leite CAR, Leite ECR, Prandi LR. A aprendizagem na concepção histórico cultural. Akropolis Umuarama, v. 17, n. 4, p. 203-210, out./dez. 2009.
54. Oliveira, MKde. Teorias psicogenéticas em discussão. 5. ed. São Paulo: Summus, 1992. P.33

55. Cunha MC. Fonoaudiologia e Psicanálise: A Fronteira como Território. São Paulo: Plexus, 1997.
56. Calheta PP. In: Berberian AP, Mori-de Angelis CC, Massi G. (Orgs.). Letramento: referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006.
57. Barros RCB. Estudo do campo de conhecimento fonoaudiológico e a clarificação do seu objeto científico. Revista Línguas e instrumentos lingüísticos n.29, p.117-135, jan./jun. 2012.
58. Roncato CC, Lacerda CBF. Possibilidades de desenvolvimento da linguagem no espaço da educação infantil. In: Distúrbios da Comunicação, São Paulo, 17(2): 215-223, agosto, 2005.
59. Sebastião, LT., Buccini, GS. Fonoaudiologia, educação infantil e família: novos caminhos para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral de crianças. In: Pinho, SZ., Saglietti, JRC. (Orgs.). Núcleos de Ensino da Unesp - Edição 2008. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008, p. 984-1002.
60. Gama AM. Fundamentos da teoria Vygotskiana para apropriação de novas tecnologias como instrumentos socioculturais de aprendizagem. Revista travessia ISSN 1982-5935 Vol 6 Nº 3 – 2012 16ª edição [Acessado em 02 Set 2015] Disponível em: http://www.academia.edu/3602409/FUNDAMENTOS_DA_TEORIA_VYGOTSKIANA_PARA_APROPRIA%C3%87%C3%83O_DE_NOVAS_TECNOLOGIAS_COMO_INSTRUMENTOS_SOCIOCULTURAIS_DE_APRENDIZAGEM
61. Silva TTS da (Org), Hall S, Woodward R. Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais. Cap. 2 Petrópolis – RJ: Vozes, 2000
62. Fairclough N. Discourse and Social Change. Cambridge: Polity Press, 1992. In: Fairclough N. A dialética do discurso. Revista Teias v.11, n.22. 2010 [Acessado em 09 de Agosto de 2015] Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/625>
63. Burke P. Hablar y callar. Funciones sociales del lenguaje a través de la historia. Trad. Alberto L. Bixio. Barcelona: Gedisa, 2001.

64. Luna S V de. O falso conflito entre tendências metodológicas. Temas em Debate. São Paulo: PUC, UNICAMP, n. 66, p.70-74, ago 1998 Cadernos de Pesquisa.
65. Neves CEB. Apresentação. Cadernos de Sociologia 1998; 9:7-9.
66. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ªed. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1999. 269p.
67. Ludke M, Andre M. Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU; 1988. 99p.
68. Maanen JV. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In: Administrative Science Quaterly, Vol. 24, nº4, December 1979b, pp.539-550. [Acessado em: 01 de Maio de 2015] Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>
69. Cortes SMV. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. Cadernos de Sociologia 1998; 9:1-47.
70. Rosa CPFVM, Arnoldi CGAM. A entrevista na pesquisa qualitativa – mecanismos para validação de resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
71. Campos CJG. Métodos de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4.
72. Machado MNM. Uma Metodologia para a pesquisa do domínio social histórico. Memorandum 9, out/2005 Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP 57-64; 2005. [Acessado em 12 Jun de 2014] Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/machado01.htm>
73. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1997. 225 p.
74. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.
75. Silva, TT da. Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2010.
76. Zorzi JL. A Intervenção Fonoaudiológica nas Alterações de Linguagem Infantil. Rio de Janeiro, Revinter,1999, 139 p.

77. Penteado R Z, Bicudo-Pereira IMT. Avaliação do impacto da voz na qualidade de vida de professores. Rev. Soc. Bras. de Fonoaudiologia, São Paulo, ano 8 n. 2, p. 19-28, dez. 2003.
78. Dragone MLS, Behlau M. A fonoaudiologia brasileira e a voz do professor: olhares científicos no decorrer do tempo. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-3, out./ dez. 2006.
79. Giroto, CRM. et al "Caracterização da visão do professor sobre a atuação fonoaudiológica em Emeis". In: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. São Paulo: Frôntis, 1999.
80. Costa MG. Fonoaudiólogo e o professor de educação infantil uma relação viva. São Paulo, 1999. 27p. (Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Linguagem). CEFAC-Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.
81. Ferreira LP. A voz do professor: uma proposta de promoção de saúde vocal. In: Giroto CRM. (2001). Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. São Paulo: Plexus, 2a edição.
82. Pinto AMM, Furck MAE, Fix MIV, Pires ES, Malheiros RR. Fonoaudiologia educacional junto a um sistema público. In: Ferreira LP. O fonoaudiólogo e a escola. São Paulo: Summus, 1991.
83. Dragone MLS, Ferreira LP, Giannini SPP, Simões-Zenari M, Vieira VP, Behlau M. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. Rev. soc. bras. fonoaudiol. [Internet]. 2010 [Acessado em 02 Jul 2015] ; 15(2): 289-296. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342010000200023&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342010000200023>.
84. Grillo MHMM, Penteado RZ. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. Pró-Fono. 2005; 17(3): 321-330.
85. Pazini S, Ribas A. Fonoaudiologia e educação: uma parceria necessária– Curitiba: UTP, 2010.

86. Oliveira DL. A 'nova' saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. *Rev. Latino-am. Enferm.*, v. 13, n. 3, p. 423-31, mai/jun., 2005.
87. Tomita NE, Bijella VT, Franco LJ. Relação entre hábitos bucais e má oclusão em pré-escolares. *R. Saúde Pública, São Paulo*, v. 34, n. 3, p. 299-303, 2000.
88. Galvão ACUR, Menezes SFL, Nemr K. Correlação de hábitos orais deletérios entre crianças de 4 a 6 anos de escola pública e escola particular da cidade de Manaus –AM. *R. CEFAC, São Paulo*, v. 8, n. 3, p. 328-336, jul./set. 2006.
89. Pereira VP, Schardosim LR, Costa CT. Remoção do Hábito de Sucção de Chupeta em Pré-escolares: apresentação e avaliação de uma estratégia motivacional. *Rev. Fac. Odontol. Porto Alegre*, v. 50, n. 3, p. 27-31, set./dez., 2009.
90. Bevilacqua MC, Formigone GMP. Audiologia Educacional: uma nova opção terapêutica para a criança com deficiência auditiva. Carapicuíba: pró-fono 1997. In: Santana, A.P Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas – 3ª Ed. São Paulo: Plexus, 2007.
91. Myamoto RT. Houston DM, Kirk KI, Perdew AE, Svirsky MA. Language Development in Deaf Infants Following Cochlear Implantation. *Acta Otolaryngol*, 2003, 123(2), p. 241-244.
92. Simões JM, Assencio-Ferreira VJ. Avaliação de aspectos da intervenção fonoaudiológica junto a um sistema educacional. *Ver CEFAC*. 2002; 4(2):97-104
93. Ferigotti AC. In: Fonoaudiologia e educação: uma parceria necessária /Organização Ângela Ribas, Solange Pazini. – Curitiba: UTP, 2010. 88 p.
94. Batista LM. Ações educativas em fonoaudiologia: promovendo a comunicação saudável no ambiente escolar /Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2010.

95. Brasil CCP, Chiari BM. Integrando fonoaudiologia e escola: uma proposta para prevenção do distúrbio de leitura e escrita. *Fono Atual*. 2006; 36(9):35-43.
96. Ferreira LP. (Org) O fonoaudiólogo na escola. São Paulo: Summus, 1991.



**Instituto Educacional Professora
Maria do Carmo Arruda Toledo**

Rua Alayde Nascimento de Lemos, 532 - Vila Lemos - CEP.: 13100-453
Telefones: (0xx19) 3201-0357 ou 3201-0358 / Fonoaudiologia 3201-0369
CNPJ : 48.640.742/0001-08 www.donacarminha.org.br

Autorização para Coleta de Dados

Eu, Patrícia Bignardi Torres

responsável pela instituição Instituto Educacional Professora Maria do Carmo Arruda Toledo,

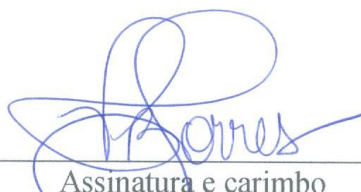
declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos

procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa

intitulado “A percepção de professores de Educação Infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola.”

sob-responsabilidade do(a) pesquisador(a) **Denise Maria Zaratini Fernandes**

após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.


Assinatura e carimbo

Data: 02 / 07 / 2014.

INSTITUTO EDUCACIONAL
DONA CARMINHA
CNPJ:48.640742/0001-08

Roteiro utilizado para entrevista Semi-estruturada

Identificação do participante:

Nome:

Idade:

Tempo de atuação

Formação (graduação, especialização e outros)

Tempo que leciona no Instituto

- 1)- Atua em outra escola? Neste local há o trabalho com fonoaudiólogo?
- 2)- Você tem conhecimento sobre o trabalho do fonoaudiólogo?
- 3)- Você tem conhecimento sobre quais as áreas em que este profissional atua?
- 4)-Ao longo de sua prática profissional você recebeu informações sobre o desenvolvimento da audição e linguagem? Em caso afirmativo, quem transmitiu essas orientações?
- 5)- Na sua sala existe alguma criança surda e/ou com Implante Coclear? Em caso afirmativo, como você lida com esta criança?
- 6)- Na sua prática educacional anterior você já trabalhou com algum fonoaudiólogo?
- 7)- Você já encaminhou algum aluno para avaliação fonoaudiológica? Em caso afirmativo, qual era a queixa?
- 8)-No âmbito escolar, qual seria, na sua opinião o papel do fonoaudiólogo?
- 9)- Você acha importante ter um fonoaudiólogo na escola? Por quê?
- 10)- Você acredita que o trabalho fonoaudiológico tenha relação com a prática pedagógica em sala de aula? Por quê?

ANEXO I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisa: “A percepção de professores de Educação Infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola”

Responsáveis:

Pesquisadora: Denise Maria Zaratini Fernandes

Orientadora: Prof^a Dra. Ivani Rodrigues Silva

Prezado(a) Professor (a),

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

A pesquisa intitulada: “A percepção de professores de Educação Infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola” tem por objetivo conhecer a visão de professores de educação infantil sobre o trabalho fonoaudiológico dentro da escola.

Os resultados desta pesquisa poderão favorecer a atuação de fonoaudiólogos dentro do ambiente escolar, proporcionando uma parceria e um trabalho mais coeso entre a fonoaudiologia e pedagogia.

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com perguntas referentes ao conhecimento sobre a fonoaudiologia, perspectivas do trabalho fonoaudiológico dentro da escola bem como se tal atuação pode favorecer a prática pedagógica. A entrevista deverá ter duração de, aproximadamente, 40 minutos e será gravada com consentimento do entrevistado (a), e não haverá nenhuma identificação dos sujeitos participantes. Após a transcrição dos dados as gravações estarão disponíveis para conhecimento dos participantes. As gravações serão mantidas pela pesquisadora responsável até a conclusão da pesquisa, e posteriormente serão destruídas.

A participação na pesquisa é voluntária, assim ninguém é obrigado a aceitar participar e tem a liberdade de recusar ou de retirar o consentimento em qualquer momento que quiser. O participante pode a qualquer momento conversar com os responsáveis da pesquisa e pedir maiores informações e/ou esclarecer dúvidas sobre sua participação.

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis nem desconfortos físicos ou morais, bem como benefícios diretos aos participantes do estudo. **Caso haja desconforto ou constrangimento, você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento.** Caso você concorde com a participação, a entrevista será realizada no dia agendado, no próprio Instituto e em comum acordo com o participante.

O participante não terá nenhum gasto financeiro e não haverá nenhuma espécie de pagamento ou ressarcimento para aqueles que decidirem participar.

Os resultados desse trabalho serão utilizados para ensino, apresentações e publicações científicas sobre esse assunto, no entanto nenhuma informação sobre os participantes serão divulgadas.

Eu, _____
 _____ portador (a) _____ do
 RG. _____, depois de ler e
 esclarecer minhas dúvidas com o pesquisador concordo em participar dessa
 pesquisa.
 Data: ____/____/____

 Assinatura do Participante
 Pesquisador

Assinatura do

O participante deverá ficar com uma cópia assinada desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a pesquisadora: Denise Maria Zaratini Fernandes através do telefone: (019) 988191654 ou pelo e-mail: denise_zaratini@yahoo.com.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP,

quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____/_____/_____. Data:
(Assinatura do pesquisador)